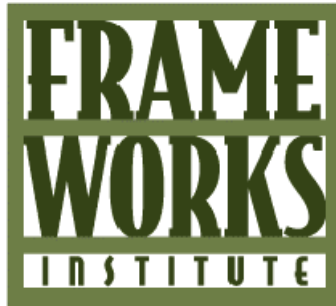




Lembrar, Espelhar e Experimentar:

DISTANCIAMENTOS E SOBREPOSIÇÕES ENTRE PÚBLICO E ESPECIALISTAS
BRASILEIROS SOBRE DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA.



**LEMBRAR, ESPELHAR E EXPERIMENTAR:
DISTANCIAMENTOS E SOBREPOSIÇÕES ENTRE PÚBLICO E ESPECIALISTAS
BRASILEIROS QUANTO AO DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA.**

RELATÓRIO DE PESQUISA DO FRAMEWORKS

Elaborado para o Instituto FrameWorks por
Michael Baran, Julia Sauma e Paula Siqueira

Janeiro 2014

© Instituto FrameWorks 2014

INTRODUÇÃO

A dificuldade e a urgência em sensibilizar o público e os formuladores de políticas públicas no Brasil sobre a importância do desenvolvimento na primeira infância – a partir de agora chamado de DPI - motivaram a realização do presente levantamento, que tem por objetivo específico traduzir o entendimento dos especialistas brasileiros em conceitos que o público brasileiro e os agentes-chave do campo em questão possam compreender e utilizar. Tais ferramentas de tradução e comunicação, elaboradas a partir do conteúdo apresentado no presente relatório, pretendem estimular novas formas de se pensar sobre a importância de haver mais e melhores políticas públicas para o bom DPI no Brasil, de forma a criar um terreno fértil para o apoio às demandas específicas desse período sensível do desenvolvimento infantil.

O presente relatório estabelece, portanto, as bases desse trabalho de tradução, que se dará através da comparação entre o modo como os especialistas analisam o DPI e o modo como o público brasileiro fala e pensa o DPI, utilizando a metodologia desenvolvida pelo Instituto FrameWorks (Washington-DC). Ressalte-se que a pesquisa na qual esse trabalho se baseia, realizada com o apoio da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV) e a Fundação Bernard van Leer (BVLf), faz parte da parceria mais abrangente entre a FMCSV, a BVLf, o Center on the Developing Child da Harvard University, o David Rockefeller Center for Latin American Studies da Harvard University, a Faculdade de Medicina da USP e o INSPER. Todas essas organizações se reuniram em 2011 para formar o Núcleo pela Primeira Infância (NCPI), cuja meta é justamente incentivar a criação de uma nova linguagem para comunicar a importância do desenvolvimento na primeira infância no Brasil e, assim, contribuir para a melhoria das políticas públicas brasileiras voltadas para esse tema.

O Instituto FrameWorks, por sua vez, tem conduzido já há dez anos pesquisas empíricas de comunicação nos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Reino Unido, utilizando-se de uma abordagem metodológica diversificada, cujo intuito é traduzir o conhecimento científico acerca do DPI para o público e formuladores de políticas públicas. Essas pesquisas produziram o que os pesquisadores do Instituto chamam de “História Principal do Desenvolvimento na Primeira Infância”ⁱ, um conjunto de dispositivos de comunicação com eficácia empiricamente comprovada, para ampliar a compreensão das mensagens científicas e levar a opinião pública a favorecer políticas públicas baseadas em pesquisas científicas sobre o tema.ⁱⁱ O estudo descrito neste relatório representa a primeira fase do projeto que o FrameWorks está realizando no Brasil e compreende um levantamento do entendimento do público e dos cientistas brasileiros acerca do desenvolvimento na primeira infância, com o objetivo de lançar as bases para a construção do conjunto de dispositivos de comunicação pertinentes ao contexto brasileiro.

Assim, este relatório pressupõe dois procedimentos comparativos. O primeiro procedimento de comparação é basicamente uma “cartografia dos distanciamentos e justaposições” entre as ideias de especialistas e do público brasileiro quanto ao desenvolvimento na primeira infância. Tal mapeamento é de fundamental importância porque ele nos fornecerá os fundamentos para a segunda fase do nosso trabalho, intitulada Strategic Frame Analysis™, na qual identificaremos e testaremos estratégias de comunicação com o objetivo de diminuir os distanciamentos

anteriormente identificados, ampliando e orientando a maneira que os brasileiros pensam sobre o DPI.

O segundo procedimento comparativo – desta vez centrado na comparação transcultural dos entendimentos sobre o DPI – se dá porque o Instituto FrameWorks lida com padrões de compreensão fortemente afetados pela cultura e que, por isso, variam segundo os diferentes grupos em questão. Isso faz com que a experiência acumulada em já uma década de pesquisas de comunicação em diversas realidades culturais torne a metodologia desenvolvida pelo Instituto FrameWorks especialmente apta a superar os desafios conceituais que a tradução bem sucedida do conhecimento científico para o público em geral necessariamente apresenta. A partir de um exercício de comparação transcultural, os pesquisadores do FrameWorks poderão identificar os desafios e conceitos semelhantes entre o contexto brasileiro e outros contextos culturais anteriormente pesquisados, a fim de verificar se os dispositivos originalmente criados para abordar os distanciamentos de outros contextos culturais funcionarão no Brasil de forma eficaz. A pesquisa prescritiva que avalia se tais dispositivos se comportam de forma semelhante no contexto cultural brasileiro já está em andamento.

O relatório está organizado da seguinte forma: na primeira parte, faremos um resumo dos principais resultados da pesquisa até o presente momento. Na segunda parte, apresentaremos os métodos da pesquisa. Em seguida, vamos descrever e comparar as mensagens dos especialistas e do público brasileiro, além de apresentar as decorrências desses resultados para o trabalho de comunicação no Brasil sobre DPI. Concluiremos com a descrição das possíveis direções que a pesquisa prescritiva poderá tomar, com o objetivo último de identificar as reformulações mais aptas a diminuir os distanciamentos existentes entre os especialistas brasileiros e o público brasileiro sobre um tema tão importante.

RESUMO

AS MENSAGENS PRINCIPAIS DOS ESPECIALISTAS SOBRE DPI

As mensagens dos especialistas sobre DPI, apresentadas abaixo, foram elaboradas a partir de 20 entrevistas realizadas com pesquisadores e outros profissionais brasileiros provenientes de diferentes áreas do conhecimento e atuação. Esse processo também se beneficiou da participação dos pesquisadores do FrameWorks em quatro eventos multidisciplinares sobre DPI, todos organizados pelo Núcleo Ciência pela Infância.

O que é desenvolvimento na primeira infância?

É um processo integral, que se dá a partir da interação entre os aspectos físicos, neurológicos, biológicos, cognitivos e socioemocionais. Destaca-se a influência recíproca do ambiente e dos aspectos biológicos e físico-neurológicos, uma vez que neste período o cérebro está particularmente propenso a se modificar positiva ou negativamente, conforme as boas ou más influências.

Como as crianças se desenvolvem?

O desenvolvimento da criança é social, isto é, ocorre durante o processo conjunto de interações em diferentes ambientes. Bons relacionamentos são elementos-chave nesse processo, pois oferecem o apoio necessário para que a criança possa gradualmente aprender a aprender, facilitando e impulsionando os desenvolvimentos cognitivo e neurológico.

O que dificulta o desenvolvimento na primeira infância?

Ambientes desprotegidos, negligência, desamparo, problemas ambientais, relacionais e biológicos durante os períodos intrauterino e perinatal, escolas de má qualidade, intervenções e outras políticas públicas ineficientes - todos representam ameaças importantes ao desenvolvimento infantil.

O que pode ser feito para melhorar o desenvolvimento na primeira infância?

Melhorar a qualidade dos ambientes, apoiar e informar as pessoas que interagem e proveem cuidados para as crianças pequenas, além de reverter o quadro de carência em relação a políticas públicas direcionadas à primeira infância no Brasil, especialmente quanto à qualidade da educação de acesso universal, aos problemas de saúde mais comuns a esse período e ao monitoramento e integração das diversas políticas públicas, a fim de tornarem-nas acessíveis e eficientes.

MODELOS CULTURAIS DO PÚBLICO BRASILEIRO SOBRE DPI

Nesta seção apresentamos a narrativa do público, construída a partir de 20 entrevistas realizadas com pessoas oriundas de diferentes segmentos da sociedade brasileira (ver o item *Métodos* para mais detalhes). Posteriormente apresentaremos o resultado da comparação entre esses modelos culturais e as mensagens dos especialistas.

O que é desenvolvimento na primeira infância?

O público brasileiro desconhece o termo “primeira infância” e restringe o termo “desenvolvimento” ao período escolar ou ao período em que se dão as primeiras memórias. O termo “crescimento” é usado para descrever o que ocorre com os bebês, tido como natural e espontâneo. Tais entendimentos levam o público brasileiro a atribuir uma maior importância para o desenvolvimento no período subsequente à fase de bebê. Note-se que o cérebro não é mencionado como um fator importante para o desenvolvimento.

Como as crianças se desenvolvem?

As crianças se desenvolvem a partir da absorção, de um lado, e da seleção, de outro, dos exemplos dados por adultos e por outras crianças com quem elas convivem. A experiência da criança, isto é, a qualidade dos diferentes ambientes a que ela é exposta e a qualidade de seus relacionamentos, formarão tanto sua capacidade de discernimento (criança ativa) quanto sua capacidade de absorção (criança passiva).

O que dificulta o desenvolvimento na primeira infância?

Ameaça à autoridade familiar devido à nova distribuição dos papéis entre pais e filhos em uma sociedade moderna, e também devido à carência socioeconômica, à desigualdade em relação às oportunidades, à desmotivação advinda de preconceito de raça ou de situação econômica desfavorável. A ausência da autoridade familiar pode implicar, devido a fatores externos, no desvio da criança de um desenvolvimento apropriado. As carências e preconceitos que a criança enfrenta durante o desenvolvimento tornam a aquisição de habilidades e conhecimentos uma luta grande demais.

O que pode ser feito para melhorar o desenvolvimento na primeira infância?

Melhorar os serviços públicos de educação e saúde, haver mais afeto na família e voltar-se mais para atividades de cunho comunitário-religioso. O público também realça a importância do tempo para as crianças serem crianças e a necessidade de proteger a autoridade familiar que forma o caráter da criança e, assim, possibilita o seu bom desenvolvimento.

PRINCIPAIS DISTANCIAMENTOS

Seguimos agora com a apresentação dos distanciamentos entre as mensagens principais dos especialistas e os modelos culturais do público, identificados durante a análise e comparação das entrevistas com esses grupos. Posteriormente, apresentaremos as principais justaposições estratégicas identificadas no mesmo processo de análise e comparação.

1. *O Cérebro - Importante versus Invisível.* Os especialistas enfatizam o cérebro não só como um importante agente do desenvolvimento, mas também como um órgão em processo de desenvolvimento principalmente durante a primeira infância. O público brasileiro, por sua vez, não reconhece a importância de tal órgão e, de forma geral, pensa que a partir do nascimento as estruturas cerebrais já estão prontas e que, a despeito do crescimento, não há qualquer mudança.
2. *Dos 0 aos 3 - Um Período Sensível versus Um Período Secundário.* Para o público brasileiro, o período mais importante da infância começa a partir do momento em que se dão as lembranças que o adulto levará consigo, ou seja, a partir dos dois a quatro anos. Além disso, o próprio termo “primeira infância” é desconhecido pelo público. Tais ideias dificultam o entendimento da mensagem dos especialistas de que a primeira infância é uma janela de oportunidade para que o desenvolvimento integral da criança ocorra de maneira positiva.
3. *Onde o Desenvolvimento Cognitivo Acontece: Em Todo Lugar versus na Sala de Aula.* Para o público, o bebê começa a amadurecer e a crescer desde que nasce, porém o seu desenvolvimento cognitivo ocorre predominantemente em situações formais de ensino. O público não leva em conta, portanto, a ideia dos especialistas de que atividades como andar, correr, falar, entre tantas outras, estejam também inclusas no que se chama de desenvolvimento cognitivo.
4. *Desenvolvimento - Integral versus Compartimentado.* Enquanto para os especialistas os tipos de desenvolvimento (socioafetivo, cognitivo, neurológico, biológico e físico) são interdependentes, para o público, essa inter-relação é vaga e pouco elaborada.

5. *Genes - Compreensão Científica versus Falta de Conhecimento.* Para os especialistas, existe uma intrincada relação entre ambiente e genética, um influenciando o outro. Já o público, em sua maioria, desconhece o próprio significado da palavra “genes” e atribui à herança sanguínea apenas a aparência ou doenças específicas que, de todo modo, estariam determinadas desde o nascimento, portanto não suscetíveis a influências ambientais.
6. *Por que os Relacionamentos são Importantes - Desenvolvimento Cognitivo e Socioafetivo versus Formação da Personalidade.* Embora o público brasileiro considere que o carinho dos adultos é importante e influencia o temperamento e a personalidade da criança, tal entendimento não reconhece a ideia dos especialistas de que os relacionamentos significativos, ocorridos tanto dentro como fora da escola, potencializam o desenvolvimento cognitivo da criança.
7. *Autoridade da Família: Apoio com Liberdade versus Controle.* Para os pesquisadores, a criança tem um papel ativo no seu desenvolvimento, que deve não só ser respeitado como estimulado. Para o público, no entanto, tal percepção fica em segundo plano, pois se valoriza a ideia de que o bom relacionamento entre adultos e crianças é aquele marcado pela autoridade dos pais.
8. *Intervenção Profissional: Necessário versus Necessário com Desconfiança.* O público não demonstra aversão à ideia dos especialistas de que a intervenção profissional é necessária e importante, porém a vê com desconfiança devido à possível ingerência dos profissionais no âmbito da autoridade dos pais, bem como há dúvida sobre a boa fé de tais agentes.
9. *Cuidados Intrauterinos e Perinatais: Crítico para o Desenvolvimento versus Importante para a Personalidade.* O público brasileiro em geral não confere detalhes sobre os mecanismos de funcionamento da influência do ambiente sobre a gravidez, e não menciona o processo de desenvolvimento intrauterino propriamente dito. Da mesma forma, o parto não entra em cena. Isso se apresenta como um distanciamento da ideia dos especialistas de que tais períodos são sensíveis para o processo de desenvolvimento infantil, pois diversas estruturas estão em fase de formação e maturação, especialmente os sistemas imunológico e nervoso.

JUSTAPOSIÇÕES ESTRATÉGICAS

Junto com tais distanciamentos, há também uma série de justaposições entre as mensagens dos especialistas e o entendimento do público. Tais áreas de interseção poderão ser utilizadas com proveito, a fim de trazer o conhecimento científico para o debate público acerca do desenvolvimento infantil, tornando-o mais acessível e, dessa forma, fornecendo mais elementos para o público tomar decisões fundamentadas sobre essas questões.

1. *A Sociabilidade é Central.* Tanto os especialistas como o público enfatizam que bons relacionamentos são fundamentais para o bom desenvolvimento, sendo tal concepção, portanto, importante na estratégia de comunicação para fortalecer o conceito dos especialistas de desenvolvimento integral.
2. *Foco na Experiência.* A percepção aguda dos membros do público brasileiro sobre a importância da experiência no processo de desenvolvimento é uma ideia-chave a ser justaposta às mensagens principais dos especialistas, principalmente àquelas que enfatizam o papel ativo da criança no seu processo de desenvolvimento.
3. *Meios Sociais Desfavoráveis Podem Prejudicar o Desenvolvimento Infantil.* Em consonância com a ênfase na experiência, tanto o público como os especialistas brasileiros ressaltam o quanto ambientes desprotegidos prejudicam o desenvolvimento, sendo esta uma justaposição estratégica a ser utilizada na comunicação das mensagens dos especialistas sobre a importância do investimento público nos principais ambientes frequentados pelas crianças.
4. *Escolas São Um dos Principais Agentes de Desenvolvimento das Crianças.* A ideia de que as escolas são protagonistas no processo de desenvolvimento infantil é uma justaposição fundamental e servirá para ampliar a concepção do público de que o desenvolvimento cognitivo ocorre também fora da escola.
5. *Ênfase nas Melhorias dos Serviços Públicos Existentes.* A demanda veemente por parte do público e dos especialistas por melhores serviços públicos será uma justaposição importante para comunicar e detalhar ao público qual é a exata importância desses serviços também para a primeira infância.

ORIENTAÇÕES FUTURAS

Dada a similaridade de alguns dos desafios conceituais identificados no Brasil e nos EUA, Canadá e Austrália, as seguintes ferramentas de tradução parecem promissoras e estão atualmente sendo testadas para garantir sua eficácia também no contexto brasileiro: *Bate-Bola*,ⁱⁱⁱ *Cordões de Aprendizagem*,^{iv} *Mesa Nivelada*,^v *Arquitetura do Cérebro*,^{vi} *Balança da Superação*,^{vii} e *Três Formas de Estresse*.^{viii}

Constatou-se também a necessidade de desenvolver um conjunto de novas ferramentas de comunicação para abordar os distanciamentos e desafios singulares ao contexto brasileiro. Em especial, o conceito dos especialistas sobre a importância dos relacionamentos significativos para o desenvolvimento cognitivo será objeto de um trabalho de tradução para os membros do público brasileiro. O objetivo será realocar a ênfase já dada pelo público brasileiro ao afeto, estabelecendo-o como uma ótima oportunidade para maximizar o desenvolvimento do potencial cognitivo das crianças. Tais ferramentas de tradução também têm por objetivo comunicar o entendimento científico de que o apoio e o afeto dos responsáveis devem ser providos de modo a dar espaço para a criança ser ativa em seu desenvolvimento, retirando do primeiro plano a ideia do público de que a educação visa primordialmente o controle e a disciplina das crianças pelos adultos.

RECOMENDAÇÕES INICIAIS

Nossa análise estratégica está em fase de elaboração; esta etapa visa testar dispositivos criados em pesquisas anteriores, assim como criar e testar dispositivos linguísticos de tradução do conhecimento científico – tais como metáforas e valores – que poderão atender aos distanciamentos mais urgentes, provenientes da pesquisa atual. Porém, já podemos indicar um conjunto de recomendações preliminares que podem orientar a comunicação do conhecimento científico sobre desenvolvimento na primeira infância no Brasil.

É RECOMENDADO:

1. Especificar o que significa o termo “primeira infância”, descrevendo e enumerando as idades compreendidas no período em questão.
2. Procurar usar e fortalecer a ideia de que o termo “desenvolvimento” também inclui atividades básicas como andar, falar, engatinhar, controle motor etc., e como os diferentes aspectos do desenvolvimento são interligados, enfatizando que o desenvolvimento dos bebês não somente inclui crescimento físico mas também cognitivo e socioemocional.
3. Mencionar sempre que possível o papel do cérebro no desenvolvimento e explicar como ele se desenvolve durante a primeira infância, por que ele é vulnerável e, especialmente, que o bom desenvolvimento do cérebro na primeira infância representa uma janela de oportunidade para o futuro da criança.
4. Ressaltar a ideia de que o desenvolvimento cognitivo é potencializado pela existência de bons relacionamentos.
5. Especificar os problemas mais comuns para o desenvolvimento na primeira infância (tais como violência, falta de saneamento básico, falta de infraestrutura de saúde e de educação, acidentes domésticos, entre inúmeros outros), de modo a evitar abordar vagamente os problemas socioeconômicos.

EVITAR:

1. Utilizar termos que evoquem leis que acionem no público brasileiro a noção de perda ou ganho da autoridade familiar.
2. Formulações que coloquem o conhecimento científico como superior às práticas e aspirações familiares, de modo a não suscitar uma rejeição inicial à tradução do conhecimento científico com base no modelo cultural de autoridade familiar.
3. Usar o termo “primeira infância” sem se referir explicitamente à faixa etária em questão.
4. Formular considerações vagas sobre a influência das condições socioeconômicas no desenvolvimento infantil, de modo a não acionar o ceticismo do público em relação aos aportes necessariamente positivos que as condições socioeconômicas e materiais favoráveis ofereceriam.

5. Utilizar os termos “memória” e “armazenamento” para caracterizar o desenvolvimento cognitivo e as possíveis consequências futuras de qualquer evento negativo.

EXPLICANDO A TEORIA DOS MODELOS CULTURAIS

Abaixo, apresentaremos alguns dos conceitos da Teoria dos Modelos Culturais, importantes para entender o método utilizado no presente levantamento.^{ix}

O que significa modelo cultural?

Um modelo cultural é um sistema de associações, proposições e suposições, frequentemente utilizado pelas pessoas de um dado grupo cultural para organizar e conferir sentido às experiências que elas têm e às informações que elas recebem. Os modelos culturais permitem, portanto, que as pessoas interpretem uma variedade de informações e interajam de modo aparentemente natural e espontâneo com as outras pessoas e com as situações com as quais elas se deparam^x. De acordo com pesquisas de antropologia cognitiva, citadas ao longo deste relatório, tais entendimentos compartilhados são implícitos, ou melhor, as suas referências não são questionáveis, segundo Quinn (2005)^{xi}.

Como os modelos culturais funcionam?

Segundo pesquisas da área da antropologia cognitiva, os modelos culturais não só funcionam de uma maneira compartilhada como são privilegiadamente colocados em prática quando as pessoas se envolvem em atividades cognitivas, tais como narrar um evento, explicar algo ou “raciocinar”^{xii}. É justamente por ter uma natureza compartilhada que as pessoas pertencentes a um mesmo grupo cultural passam a ter como certos e naturais os modelos tacitamente compreendidos por todos.^{xiii}

É também importante observar que a ativação de um determinado modelo cultural é contingente e varia segundo a especificidade do contexto em questão. Isso é importante para entender como a fala de uma pessoa pode, em diferentes momentos, evidenciar múltiplos e aparentemente contraditórios modos de pensar a mesma questão. Isso se dá porque diferentes modelos são ativados em diferentes contextos de conversa e de raciocínio.

Finalmente, no interior do amplo modelo de base que as pessoas usam para pensar uma gama variada de questões, se inserem outros modelos relativamente mais específicos ao seu contexto de proposição. Pesquisadores referem-se a tais modelos mais amplos como “modelos-ninho”. Nós empregamos esse aspecto da teoria dos modelos culturais na apresentação dos resultados – ou seja, identificaremos tanto os modelos mais vastos e fundamentais (de base) usados pelo público brasileiro para pensar o desenvolvimento na primeira infância, quanto as estruturas proposicionais mais específicas que estão ‘aninhadas’ em seu interior.

MÉTODOS

IDENTIFICANDO AS MENSAGENS PRINCIPAIS DOS CIENTISTAS SOBRE O DPI

Para identificar as mensagens principais dos especialistas brasileiros sobre desenvolvimento na primeira infância, os pesquisadores do FrameWorks se apoiaram em dois métodos: entrevistas individuais com especialistas e ‘observação participante’ realizada em reuniões ou congressos de cientistas sobre o tema.

1. Entrevistas com Especialistas

Foram realizadas 20 entrevistas com especialistas brasileiros de diferentes áreas, a saber, neurociência, medicina, psicologia, pedagogia, gestão pública, economia, antropologia.

Esses especialistas foram identificados através de indicações de profissionais que já trabalham com a FMCSV, da técnica de amostragem tipo “bola de neve”, que consiste na recomendação de especialistas pelos próprios entrevistados, e por fim, consultando os diretórios de pesquisa do CNPq e os departamentos acadêmicos das universidades brasileiras.

Procuramos entrevistar profissionais com experiência de pesquisa relevante em diferentes regiões do Brasil, capazes, portanto, de fornecer informações sobre nuances acerca das questões do DPI no Brasil, com o objetivo de formular uma narrativa coerente sobre o assunto, que chamaremos de ‘mensagens principais’ dos especialistas sobre o desenvolvimento na primeira infância.

As entrevistas foram conduzidas por duas antropólogas brasileiras, a maioria por telefone, e tiveram duração de cerca de duas horas. Todas foram gravadas e transcritas, com a permissão dos entrevistados, e depois analisadas com o intuito de extrair um conjunto consensual de conhecimento, abarcando as diferentes áreas de pesquisa, que pudesse responder perguntas fundamentais sobre conceitos-chave de cada disciplina, como “O que é desenvolvimento infantil?”, “Como ele acontece?”, “Quais são seus períodos sensíveis?”, etc.

2. ‘Observação Participante’ em Reuniões Profissionais

As entrevistas com os especialistas foram complementadas com dados levantados durante discussões em reuniões científicas internacionais em que especialistas de diversas áreas apresentaram e debateram as suas pesquisas e as decorrências para o desenvolvimento de políticas públicas.

Os pesquisadores do FrameWorks participaram de três eventos multidisciplinares no Brasil, todos organizados pelo Núcleo Ciência pela Infância (NCPI), com o objetivo de etnografar as mensagens consideradas consensuais entre as diferentes áreas e identificar aquelas que os pesquisadores consideram importante que sejam compreendidas pelo público. Os pesquisadores participaram de quatro Fóruns Científicos do NCPI em São Paulo. O primeiro deles, organizado

na Faculdade de Medicina da USP entre os dias 18 e 19 de outubro de 2011, deu início ao processo de formação do comitê científico do Núcleo. Os outros três encontros, realizados nos dias 11 de setembro de 2012, 14 e 15 de agosto de 2013 e no dia 6 de dezembro de 2013, proporcionaram aos pesquisadores do FrameWorks a oportunidade de acompanhar o processo interdisciplinar de formação das mensagens principais dos especialistas envolvidos no comitê científico. Os pesquisadores também participaram de dois Simpósios Internacionais pela Primeira Infância organizados pela FMCSV, em outubro de 2011 e setembro de 2012. Esses encontros envolveram grupos de trabalho, palestras e seminários dirigidos por diversos especialistas, contando com ampla discussão sobre os conceitos científicos prioritários na comunicação para o público.

Os pesquisadores do FrameWorks utilizaram a ‘observação participante’ — um método antropológico de pesquisa — durante essas reuniões. Esse trabalho produziu uma análise dos temas comuns que aparecem nas discussões entre os cientistas. Dessa forma, as mensagens principais dos especialistas apresentadas abaixo resultam de uma triangulação entre diferentes fontes, refinadas durante todo o processo de pesquisa.

IDENTIFICANDO OS MODELOS CULTURAIS DO PÚBLICO SOBRE DPI

Para identificar os modelos culturais usados pelo público brasileiro, realizamos 20 entrevistas em grandes cidades de cinco estados diferentes do Brasil (Belo Horizonte, Fortaleza, Manaus, Porto Alegre e Rio de Janeiro), durante o primeiro semestre de 2012. A escolha das cidades se deu segundo os critérios de variação regional, tamanho da população, etnicidade e migração, com o objetivo de gerar uma amostra com certa representatividade nacional.

Os entrevistados foram selecionados por uma empresa especializada em recrutamento para pesquisas de marketing, observando os critérios de etnicidade, gênero, idade, escolaridade, preferência partidária (autodeclaração), nível socioeconômico e estado civil (casados e solteiros, com e sem filhos).

Em cada cidade entrevistamos duas mulheres e dois homens, portanto, a amostra incluiu 50% de homens e 50% de mulheres. Dos entrevistados, 30% tinham mais de 45 anos de idade, 20% tinham entre 35 e 44 anos, 25% entre 26 e 34 anos e 25% entre 18 e 25 anos. A amostra tem as seguintes porcentagens em relação à classe (A-D), segundo os critérios de estratificação de consumo da ABEP: 25% Classe A, 25% Classe B, 25% Classe C, 25% Classe D. 60% dos entrevistados eram solteiros, 30% casados e 10% separados. 55% afirmaram que têm filhos e 45% que não têm. Também buscamos representar a diversidade nacional no âmbito da religião – 40% se autodeclararam Protestantes, 30% Católicos, 15% Espíritas, 5% do Candomblé, 5% Agnósticos e 5% sem religião – e de preferência partidária – 25% PT, 20% PMDB, 10% PV e PTB e 5% cada para os seguintes partidos: PSDB, PTN, PRB, DEM e PDT.

Entrevistas: Os participantes reponderam a entrevistas individuais semiestruturadas focalizando os seus “modelos culturais”, que foram gravadas e tiveram uma duração média de duas horas e meia. O roteiro dessas entrevistas foi desenhado com o intuito de pesquisar como os entrevistados pensam e falam sobre certos tópicos, e pode ser resumido às seguintes perguntas:

“o que é desenvolvimento na primeira infância?”, “como as crianças se desenvolvem?” e “o que pode ser feito para se obter resultados melhores?”. O objetivo das entrevistas foi examinar os modelos culturais utilizados pelos entrevistados para conferir significado a esses tópicos e, para tanto, considerou-se essencial que eles tivessem liberdade e tempo suficiente para conduzir as respostas na direção que desejassem. Dessa forma, os entrevistadores utilizaram o mesmo conjunto de tópicos em cada entrevista, mas a ordem seguida foi diferente, conforme elaboração específica de cada entrevistado (ver o anexo para mais informações sobre como as entrevistas foram realizadas).

Análise: Técnicas de análise provenientes da antropologia cognitiva e linguística foram adaptadas para examinar como os entrevistados compreendem os tópicos relacionados ao desenvolvimento na primeira infância. Primeiro, foram identificadas na amostra as tendências discursivas, ou as formas comuns e padronizadas de falar. Esses discursos foram analisados para revelar os pressupostos organizacionais, relacionamentos, encadeamento lógico e conexões feitas comumente, mas de forma implícita, em cada transcrição e na amostra. Em suma, a nossa análise focalizou as tendências tanto naquilo que foi declarado (como os temas foram relacionados, explicados e compreendidos) quanto naquilo que não foi dito (os pressupostos). Em muitos casos, a análise revelou que as pessoas usam modelos que estão em aparente conflito para falar do mesmo assunto. Essa é uma característica normal da cognição, mesmo que frequentemente seja dado peso maior a um dos modelos em questão. Os pesquisadores do FrameWorks usam os conceitos de modelos primário e recessivo para descrever as diferenças do peso cognitivo dado a esses modelos contraditórios.

RESULTADOS (A)

AS MENSAGENS PRINCIPAIS DOS ESPECIALISTAS

Durante as entrevistas com os especialistas, sobressaiu-se um conjunto de tópicos mais relevantes para a nossa compreensão desse campo no Brasil. Organizamos esses temas em mensagens principais, abaixo, segundo as seguintes perguntas: (1) “O que é desenvolvimento na primeira infância?”, (2) “Como as crianças se desenvolvem?”, (3) “O que dificulta o desenvolvimento na primeira infância?” e (4) “O que pode ser feito para melhorar o desenvolvimento na primeira infância?”.

1. O QUE É DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA?

a) O desenvolvimento na primeira infância é um processo integral que ocorre nos primeiros seis anos de vida, sendo os três primeiros anos particularmente importantes. Envolve o amadurecimento do cérebro, o crescimento físico, a aquisição motora, o desenvolvimento da cognição, o aprendizado social e afetivo, entre outros, e cada um desses aspectos será influenciado pela qualidade do desenvolvimento dos outros aspectos.

b) O desenvolvimento na primeira infância é caracterizado pela plasticidade do cérebro. A primeira infância é a fase em que o cérebro aumenta radicalmente em tamanho e em que as sinapses são construídas de forma igualmente acelerada. Nesta época, o cérebro se estrutura e se diferencia de forma intensa e, por isso, é extremamente plástico. Isso torna a criança mais predisposta ao aprendizado, mas também deixa seu cérebro bastante vulnerável às influências do ambiente onde ela vive e às suas experiências durante a vida. Para os especialistas, é necessário enfatizar que quanto mais cedo se der o investimento no desenvolvimento da criança, maior será o retorno, e que práticas intensivas para recuperação de ‘atrasos’ no desenvolvimento infantil têm impacto positivo e devem ser iniciadas o quanto antes. Todavia, ainda que os especialistas coloquem a primeira infância como um período especialmente sensível para o desenvolvimento, eles afirmam que a natureza plástica do cérebro persiste ao longo da vida e que, portanto, a estimulação contínua é importante. Além disso, ressalta-se a importância de apontar a primeira infância como uma janela de oportunidade, ao invés de apenas comunicar os riscos comuns a tal período, evitando assim que o enfoque neste período seja acompanhado de uma mensagem fatalista.

c) O desenvolvimento na primeira infância é caracterizado pela interação entre as influências do ambiente e as biológicas. A experiência que a criança tem e o ambiente onde ela vive modificam e estimulam o funcionamento das características herdadas de seus pais. Por sua vez, as características herdadas também influenciam a maneira como as crianças respondem aos estímulos da experiência e do meio ambiente. Há processos que são geneticamente determinados, como o de mielinização, que permite a conexão entre os neurônios, porém, quais conexões serão feitas e adensadas depende totalmente do meio ambiente. O funcionamento dos genes depende do ambiente. Para os especialistas, portanto, o ambiente influencia o desenvolvimento infantil. Note-se que o conceito de ambiente inclui todos os aspectos envolvidos na experiência da criança: relacionamentos, alimentação, questões afetivas, poluição, acidentes, doenças, estímulos etc.

2. COMO AS CRIANÇAS SE DESENVOLVEM?

a) O bom desenvolvimento na primeira infância se dá através de bons relacionamentos em diferentes ambientes. O bom desenvolvimento na primeira infância se dá através da exposição a diferentes ambientes sociais. Os especialistas ressaltam a natureza social do aprendizado, isto é, o desenvolvimento infantil ocorre através do conjunto de interações da criança com as outras pessoas. Adultos que têm um bom relacionamento com as crianças não só as ajudam a melhorar suas habilidades sociais e de enfrentamento de situações adversas, mas também estimulam seu desenvolvimento cognitivo. Os pesquisadores enfatizam que o “aprendizado é social”, seja para o bem ou para o mal, e que os relacionamentos devem ser de boa qualidade para que o processo cognitivo seja potencializado, ou seja, não basta apenas oferecer estímulos, é preciso também acolher e criar vínculos afetivos com a criança. Os pesquisadores também explicam que os adultos devem oferecer as condições para a criança ter um papel ativo no seu desenvolvimento, quando então sua individualidade poderá se expressar. Isso significa que o bom desenvolvimento intelectual não depende simplesmente de uma sequência de atividades extracurriculares, mas sim da qualidade do tempo livre da criança e do espaço que ela tem para brincar e fazer as suas próprias descobertas.

b) O bom desenvolvimento na primeira infância se dá através de estímulos adequados. De acordo com os especialistas, a criança precisa ser estimulada observando-se vários fatores, dentre os quais se destacam a adequabilidade para sua faixa etária, a singularidade de seu próprio processo de desenvolvimento, a observação de tempo de descanso e de brincadeiras, e atividades não assistidas; ou seja, os adultos têm que estar atentos à escassez e ao excesso de estímulos em cada faixa etária, tomando como estímulos adequados não somente brinquedos e outros objetos, mas também o espaço e as interações às quais as crianças têm acesso.

c) O bom desenvolvimento na primeira infância se dá através dos sentidos e observação da própria criança. O desenvolvimento da criança ocorre também através de sua própria atividade de descoberta, ou seja, para os pesquisadores, é importante ressaltar a natureza ativa da criança em seu processo de desenvolvimento. O desenvolvimento da criança ocorre através das suas iniciativas de ação sobre coisas e pessoas e também de suas respostas às mesmas e, assim, ela adquire gradualmente habilidades para se tornar capaz de aprender a aprender.

3. O QUE DIFICULTA O DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA?

a) Os ambientes desprotegidos geram problemas mais visíveis ao desenvolvimento infantil. A violência extra ou intrafamiliar, a insalubridade, a exposição a acidentes, tudo isso pode causar um descompasso nos diferentes aspectos do desenvolvimento na primeira infância, desde o desenvolvimento neurológico da criança – que pode sofrer atrasos devido a doenças causadas pela ausência de saneamento básico – até o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo da mesma, em caso de exposição à violência crônica e sem amparo.

b) A ausência de relacionamentos significativos empobrece o desenvolvimento integral da criança. Um fator menos visível, mas igualmente ressaltado pelos especialistas, é o de que não basta apenas a presença de um adulto responsável para que a criança atinja toda a sua potencialidade, é importante trabalhar a qualidade desse vínculo, ou seja, a interação com a criança precisa ocorrer de forma tranquila e atenciosa em cada momento, tanto durante os cuidados de higiene até as atividades educativas, incentivando, assim, uma troca com a criança que estimule um processo de desenvolvimento ativo e bem amparado. Essas condições não somente fortalecem o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo da criança, mas também o seu desenvolvimento sináptico.

c) A ausência de políticas públicas efetivas de triagem desde a mais tenra infância e a falta de universalidade e integração das diferentes intervenções disponíveis ameaçam o desenvolvimento infantil. Par a par com a noção de que o desenvolvimento é integral e com a de que os primeiros anos de vida são fundamentais, os especialistas ressaltam que a ausência de políticas públicas mais efetivas nas áreas de garantia de moradia, saúde básica e educação, bem como a inexistência de articulação dessas políticas para esse período, dificultam o desenvolvimento infantil.

d) *A falta de cuidado durante os períodos intrauterino e perinatal pode causar problemas no desenvolvimento do cérebro e sistema nervoso da criança.* Os especialistas ressaltam a necessidade de atenção especial a esses períodos de desenvolvimento infantil, especificamente em relação ao ambiente da mãe e, assim, ao ambiente intrauterino da criança e à exposição crônica de ambas à violência e a elementos tóxicos (como drogas, álcool, tabaco, esgoto, despejos industriais, etc.), que podem acarretar prejuízos futuros.

e) *Escolas de má-qualidade ameaçam o desenvolvimento infantil.* Os especialistas são enfáticos quanto a esta questão: professores mal pagos e escolas/creches com infraestrutura e acompanhamento pedagógico precários prejudicam o desenvolvimento das crianças de forma geral, especialmente no período chamado primeira infância, entre 0 e 6 anos de idade. Nesse período, a falta de capacitação dos profissionais resulta em uma preocupação limitada à boa higiene e à alimentação, sem grandes investimentos nas habilidades cognitivas e socioafetivas da criança.

4. O QUE PODE SER FEITO PARA MELHORAR O DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA?

Os especialistas indicam que além dos fatores ambientais que apoiam de forma direta o desenvolvimento da criança – tais como creches, escolas de qualidade e serviços de saúde -, existe também a importância primordial de levar em conta os ambientes sociais que as famílias frequentam de forma geral, que incluem tanto os centros educativos quanto a moradia da criança e a comunidade ao seu redor. Portanto, os especialistas enfatizam a importância do acesso da criança a áreas de lazer seguras e ao bom saneamento, tanto quanto a postos de saúde e a creches/escolas. Eles explicam que melhorando a qualidade desses ambientes e apoiando as pessoas que interagem e proveem cuidados para as crianças - através de mecanismos como prevenção de acidentes, prevenção do uso de drogas, acompanhamento do período de gestação, acompanhamento integral do desenvolvimento infantil, melhores condições de trabalho e formação para professores, segurança pública, entre outros -, as políticas públicas poderão assegurar resultados positivos para mais crianças. Deve-se ressaltar que os especialistas descrevem um quadro de extrema carência em relação a políticas públicas direcionadas à primeira infância no Brasil e, por isso, tendem a se concentrar nas áreas de saúde e educação, através das quais o governo tem acesso mais direto e regular ao público brasileiro, facilitando assim a possibilidade de implementação de tais políticas.

a) *Políticas públicas mais efetivas na área de educação elevarão a um novo patamar o processo de desenvolvimento na primeira infância.* Exemplos das políticas públicas eficazes identificadas pelos especialistas incluem:

- Instruir os profissionais de educação a lidar com problemas comuns na primeira infância, como agressões entre crianças pequenas. Apesar de comuns, muitas vezes professores e adultos em geral não sabem o que fazer quando se deparam com tal problema. Por exemplo, no caso de brigas entre as crianças nas creches, capacitar os professores a disciplinarem a criança de forma não agressiva e

adequada à idade, pois se a intervenção ocorrer de outro modo poderá vir a dificultar a capacidade de expressão e interação da criança.

- Nas atividades desenvolvidas em creches e pré-escolas, considerar não só aspectos mais propriamente físicos como higiene, alimentação, coordenação motora e reflexos, mas também a importância de se criar boas condições para a aprendizagem, memória e comportamento, isto é, as funções corticais superiores.
- Comunicar a importância da participação de ambos os pais para o desenvolvimento das crianças pequenas, para que possam dividir o ônus prático dos primeiros anos de vida de uma criança e, assim, garantir uma interação serena com ela e potencializar seu processo de desenvolvimento.
- Oferecer o período integral em creches, pré-escolas ou escolas, tanto na primeira infância quanto mais tarde, para as famílias que desejem ou precisem.
- Os pesquisadores ressaltam a necessidade de uma melhoria de modo geral no sistema educacional brasileiro, tanto em relação à infraestrutura como à capacitação dos professores e ao conteúdo programático da educação. Os problemas identificados no sistema educacional são tão profundos que os especialistas indicam que o sistema precisaria de uma transformação completa para apoiar o DPI de forma que as individualidades das crianças possam ser enfatizadas para potencializar seu desenvolvimento.
- Identificamos certa controvérsia sobre o que é necessário fazer para melhorar o sistema de educação brasileiro: alguns pesquisadores enfatizam a necessidade de gerar dados confiáveis através de instrumentos de avaliação e monitoramento para a implementação de melhores políticas públicas. Outros são extremamente críticos em relação a tais instrumentos, argumentando que a avaliação baseada apenas em alguns indicadores, em oposição à avaliação contextual e integral, não seria a melhor maneira de mensurar a qualidade do desenvolvimento infantil. Alguns dos pesquisadores pertencentes ao último grupo argumentam ainda que seria preciso diminuir a importância desses instrumentos na definição de políticas públicas, enquanto outros argumentam que seria preciso construir ou adequar tais instrumentos para os variados contextos brasileiros ou, ainda mais especificamente, dedicar especial atenção às individualidades das diferentes crianças.

b) *Políticas públicas mais efetivas na área de saúde podem prevenir problemas futuros mais graves.* Exemplos das políticas públicas eficazes identificadas pelos especialistas incluem:

- Divulgação eficiente da existência e do modo de utilização de serviços públicos de saúde disponíveis, além de comunicação sobre o quanto pode ser crucial a intervenção nos primeiros anos de vida, de modo a incentivar o contato entre o público e os profissionais dessa área e, assim, prevenir problemas de saúde mais graves no futuro.
- Mais atenção ao ambiente intrauterino e, portanto, ao ambiente e hábitos da gestante, incluindo o período logo após o parto, observando especialmente a exposição a esgoto e despejos químicos, álcool, drogas e tabaco. Políticas públicas voltadas para a saúde materno-infantil e saneamento mostraram avanços

consideráveis; no entanto, ainda persistem desigualdades regionais que afetam o desenvolvimento infantil.

- Divulgar as preparações necessárias para receber uma nova criança e os cuidados básicos que as pessoas precisam ter com ela, especialmente em relação à amamentação, à alimentação e a estímulos adequados.
- Minimizar efeitos/choques adversos (ex: saneamento, água e esgoto) ao longo da vida da criança. Identificar se estes fatores estão cobertos pelas políticas públicas.
- Atenção aos problemas singulares de cada região do Brasil.
- Estimular o parto normal e a formação de enfermeiras obstetrias, mantendo a operação cesárea para situações de emergência.
- Melhorar a infraestrutura das maternidades nos hospitais públicos e também dos postos públicos de saúde, tanto em relação à construção como à compra de equipamentos para realização de exames e outros procedimentos médicos.
- Integralização das mais diferentes políticas públicas (transporte, educação, assistência social etc.), a fim de garantir o acesso e tornar as políticas públicas de saúde mais efetivas, pois se as famílias não têm acesso a um sistema que as encaminhe de forma efetiva aos profissionais mais adequados – por exemplo, garantindo o seu transporte até os centros urbanos onde os especialistas em determinadas áreas trabalham – os resultados das políticas públicas serão necessariamente insatisfatórios.

c) *Melhorar a integração e a avaliação das políticas públicas disponíveis tornará mais eficaz as políticas públicas direcionadas ao DPI.* Exemplos de falhas em políticas públicas identificadas pelos especialistas incluem:

- Os serviços públicos muitas vezes contemplam apenas parte de um determinado problema de desenvolvimento infantil, quando seria necessário contemplar sua natureza integral, isto é, oferecer apoio através da coordenação de diferentes instituições responsáveis, direta ou indiretamente, pelo desenvolvimento da criança.
- Necessidade de mensuração, avaliação e diagnóstico de políticas públicas e disseminação da informação de forma a ajudar o planejamento e implementação de políticas públicas mais eficazes. Os especialistas enfatizam a ausência total de dispositivos confiáveis e longitudinais para ajudar a especificar as áreas de maior necessidade.
- Necessidade de fomentar mais pesquisas sobre o desenvolvimento na primeira infância, mais uma vez de forma generalizada, com o intuito de incentivar a interação entre pesquisadores de diferentes áreas e regiões.

d) *Por mais que a visão dos especialistas sobre as políticas públicas considere a amplitude das carências nacionais e, portanto, ofereça poucos exemplos mais específicos, eles também enumeram uma considerável variedade de exemplos de “boas práticas” em relação ao bom desenvolvimento na primeira infância.* Exemplos incluem:

- Melhorar a formação dos professores de creches e pré-escolas, garantindo a permanente capacitação de qualidade de profissionais para que eles possam ajudar a criança a desenvolver todo o seu potencial. A fim de tornar isso possível, seria necessário melhorar os cursos de pedagogia, garantir estágios supervisionados para alunos de pedagogia e supervisionar a inserção de recém-formados nas creches, pré-escolas e escolas, e coordenar visitas dos alunos de pedagogia e professores a escolas bem sucedidas.
- Chamar as famílias para conversar sobre o desenvolvimento infantil dentro das creches, criando pontes de diálogo entre creches/escolas e famílias.
- Difundir através das rádios e meios de comunicação locais informações sobre como os pais e professores podem estimular o aprendizado de habilidades de expressão de fala e conversação, o aprendizado escolar, como deve ser o ambiente de estudo em casa, etc.
- Oferecer a visita de educadores às casas dos pais de crianças que não estão nas creches, criando grupos nas escolas aos finais de semana para acolher pais de lactentes com o objetivo de orientar as famílias desde cedo a como, por exemplo, interagir com a criança, brincar e estimulá-la em seus interesses e características pessoais.
- Oferecer cursos para os profissionais de saúde sobre saúde da mulher, parto humanizado, aleitamento materno, educação alimentar e nutricional, monitoramento da criança de risco, fortalecimento do vínculo entre mãe/pai e bebê, atividades físicas, entre outros.
- Criar grupos de apoio às gestantes, pais e suas famílias, com o objetivo de debater questões como higiene, saúde e alimentação, além de aspectos relacionados ao aleitamento materno, esclarecer dúvidas sobre a gestação e encorajar a participação e a presença do pai durante as consultas de pré-natal, durante o parto e de modo geral no acompanhamento da gestação e cuidados com o bebê.
- Oferecer visitas domiciliares em que os agentes públicos possam detectar as principais necessidades daquela família com filhos bem pequenos que não frequentam a escola, oferecendo um conjunto de soluções com o objetivo de articular o atendimento de saúde, educação e assistência social, oferecendo informações atualizadas sobre o desenvolvimento da criança.
- Treinar os professores, agentes de saúde e familiares para que eles saibam identificar desvios de desenvolvimento básicos (por exemplo, coordenação motora, autonomia, fala) e, ao mesmo tempo, diferenciar problemas neurológicos de dificuldades de ordem pedagógica.

As Mensagens Principais dos Especialistas

O que é desenvolvimento na primeira infância?

O desenvolvimento na primeira infância é um processo integral, caracterizado pela plasticidade cerebral e pela interação entre aspectos biológicos e ambientais, que ocorre nos primeiros seis anos de vida, sendo os primeiros três anos particularmente importantes.

Como as crianças se desenvolvem bem?

O bom desenvolvimento na primeira infância se dá através de bons relacionamentos, da exposição a diferentes ambientes sociais, estímulos adequados e através dos sentidos e observações da própria criança.

O que dificulta o desenvolvimento na primeira infância?

O bom desenvolvimento na primeira infância é dificultado pela ausência de cuidados no período intrauterino, de relacionamentos significativos, pela falta de integração de diferentes políticas públicas e pela exposição da criança a ambientes desprotegidos e escolas de má qualidade.

O que pode ser feito para melhorar o desenvolvimento na primeira infância?

Investimento na infraestrutura escolar, na capacitação dos profissionais que trabalham na linha de frente e na articulação de diferentes serviços públicos.

RESULTADOS (B)

MODELOS CULTURAIS DO PÚBLICO BRASILEIRO

Esta seção explora como o público brasileiro pensa as diversas dimensões do desenvolvimento na primeira infância. Analisamos o raciocínio dos entrevistados segundo quatro eixos, paralelos às perguntas usadas para analisar as mensagens dos especialistas: “O que é desenvolvimento na

primeira infância?”, “Como as crianças se desenvolvem?”, “O que dificulta o desenvolvimento na primeira infância?” e “O que pode ser feito para melhorar o desenvolvimento na primeira infância?”.

Para cada uma das quatro questões, identificamos e detalhamos os modelos culturais – os pressupostos e tendências, muitas vezes implícitos, compartilhados de forma geral pelos brasileiros – que estruturam o pensamento dos entrevistados sobre DPI. Vários desses modelos são esquemas culturais complexos, cujo interior aninha proposições mais específicas. Nesses casos, resumiremos o modelo mais geral para então detalhar as proposições que ele abarca. Ao final de cada pergunta, ressaltaremos ainda as decorrências de tais modelos em relação à estratégia de comunicação sobre o desenvolvimento na primeira infância.

O resultado principal dessa pesquisa é que o público não considera o período de 0 a 3 anos como sensível para o desenvolvimento da criança. Aliás, ocorre exatamente o contrário: boa parte do que o público pensa sobre o desenvolvimento na primeira infância ocorre após esse período. Mesmo quando há apoio às melhorias nas políticas que promoveriam o desenvolvimento da primeira infância, o público não sabe descrever os mecanismos pelos quais tais mudanças teriam um impacto sobre o desenvolvimento da criança. Esse distanciamento da importância dos primeiros anos de vida constituirá o maior desafio para a tradução do conhecimento científico na formulação da estratégia de comunicação, e será abordado em fases posteriores da pesquisa prescritiva.

1. O QUE É O DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA?

Identificamos seis modelos culturais que balizam o raciocínio dos entrevistados em relação à definição do desenvolvimento na primeira infância. Esses modelos indicam que, para o público brasileiro, o termo “desenvolvimento” não é associado à primeira infância, sendo a palavra considerada muito forte para descrever o que ocorre com os bebês, e não há nenhuma associação desta fase com o desenvolvimento do cérebro. O crescimento físico da criança nesse período – que segundo os entrevistados ocorre de forma quase automática, desde que verificados certos fatores básicos (como a boa alimentação) – parece dominar o entendimento do que acontece com as crianças no início de suas vidas. O desenvolvimento em si é associado ao período em que a memória começa a operar, isto é, depois da fase de bebê, após os dois a quatro anos de idade, ou seja, bem depois do início do período que os especialistas identificam como a primeira infância. Além disso, o público brasileiro dissocia o desenvolvimento moral do intelectual, sendo o primeiro de maior responsabilidade dos pais e o segundo, da escola.

MODELOS CULTURAIS:

A. Modelo Cultural: Desenvolvimento com Memória

Podemos identificar os dois pressupostos que constituem esse modelo cultural da seguinte forma: para o público brasileiro, o desenvolvimento requer a aquisição de processos cognitivos, mas em geral, não há o reconhecimento da força do processo de aquisição cognitiva dos bebês. O

resultado do funcionamento desses pressupostos é que o público tem dificuldade de pensar o “desenvolvimento” em relação aos bebês. Além disso, o termo “primeira infância” praticamente não é conhecido e, portanto, como indicamos acima, os entrevistados não sabem localizar o período em que se dá a primeira infância. Quando solicitados, eles tendem a associar esse termo não exatamente aos primeiros anos de vida, mas àqueles subsequentes, quando se dão as lembranças que permanecem até a vida adulta, ou seja, aquilo que “marca”. O fato da fase de bebê não deixar lembranças nos adultos e de ser uma fase em que não se identifica “consciência” ou “entendimento”, faz com que se atribua ligeiramente menos importância a ela do que à fase subsequente à de bebê, a partir dos dois a quatro anos. Para os entrevistados, os bebês estão aprendendo o básico, estão “descobrimo o mundo” de forma predominantemente instintiva.

Entrevistado: Eu acho que pode ser até que primeira infância eu nem colocaria uma data. Eu acho que é a coisa que mais te marca. Às vezes, por exemplo, eu poderia estar com dois anos e alguma coisa que me marcou, como eu podia estar com cinco também.

--

Entrevistado: Infância e primeira infância. Eu acho assim, a infância acho que é a mais bebezinho e a primeira infância você já está adquirindo, a partir de cinco anos, sete, quatro. E aí eu acho que você vai, na primeira infância é quando você marca, não é? É o que marca na sua vida, são coisas que você não esquece. Que vão realmente marcar o seu futuro. Na primeira infância eu acho que é tudo que acontece.

B. Modelo Cultural: Cérebro Desconhecido

Esse modelo cultural é balizado pelo pressuposto de que o funcionamento físico do cérebro não tem vínculo com a operação daquilo que é denominado “mente”. Ao mesmo tempo, a saúde do cérebro parece como algo dado – ou a criança tem um cérebro saudável ou ela não tem, sem grandes possibilidades de intervenção, a não ser a intervenção médica em casos de doença ou acidentes graves. O resultado é uma dificuldade de pensar o amadurecimento neurológico da criança e a forma como ele se conecta a outros aspectos físicos, socioafetivos e cognitivos. Enquanto a mente refere-se às características intangíveis ou imateriais, como o pensamento ou a consciência (estas sim passíveis de serem desenvolvidas), o desenvolvimento do cérebro está completamente dissociado desse processo e, portanto, não é entendido como um processo importante para o desenvolvimento dos bebês e crianças pequenas, ou seja, ele não é associado a nenhuma etapa da infância.

Entrevistador: Eu queria te perguntar de outros elementos também. Se eles influenciam e se influenciam, como? O jeito que a pessoa é. O cérebro, você acha que influencia o jeito que a pessoa é?

Entrevistado: Não, acho que não.

Entrevistador: Não. Sem especificidades cerebrais de cada um.

Entrevistado: Sim, acho que todos somos iguais, acho que não, acho que seria mais o desenvolvimento que a pessoa, o acesso que essa pessoa tem no desenvolvimento.

--

Entrevistado: Tipo assim, o cérebro ele é vazio. O cérebro ele não vai influenciar o comportamento. O que influencia no comportamento de uma pessoa são as informações.

C. Modelo Cultural: Desenvolvimento dos Bebês = Crescimento Físico

Esse terceiro modelo cultural opera com o pressuposto de que as principais conquistas das crianças em seu primeiro ano de vida estão mais no seu “crescimento” e capacidades físicas do que no “desenvolvimento” em si, termo normalmente associado à educação formal. Crescimento refere-se ao aspecto visível do ganho em altura e em massa corporal, e também é remetido a habilidades básicas como andar, correr e falar, estas tidas como espontâneas e naturais, desde que sejam asseguradas a integridade física e uma boa alimentação. Vale notar que os entrevistados somente ressaltam a importância da genética para a aparência física e na ocasião de doenças hereditárias graves. O resultado desse modelo é que os aspectos visíveis do desenvolvimento dos bebês são enfatizados e a causalidade determina um processo mais passivo por parte da criança e do adulto.

Entrevistador: Como que você acha que acontece o desenvolvimento de uma criança? O que acontece? Quais são os aspectos da criança que desenvolve?

Entrevistado: Que desenvolve?

Entrevistador: É, aos poucos.

Entrevistado: Crescer, né.

Entrevistador: O corpo.

Entrevistado: Acho que é isso, crescer.

Entrevistador: Além do corpo, tem algo mais?

Entrevistado: Inteligência, fica esperto.

Entrevistador: E como que acontece esse desenvolvimento da inteligência?

Entrevistado: Eu acho que dos doze para cima já, é mais esperto. Tem algumas que até antes são mais espertas.

--

Entrevistado: Um bebê? Não. Porque tudo gira em torno das suas necessidades. Ele não planeja fazer xixi na fralda. Acontece naturalmente. Fazer a caca na fralda. A fome, são os horários, a criança parece que de três em três horas está com fome. Então ele não planeja ter isso, mas quando tem ele reivindica. Ah, estou com fome. Tua mãe pode estar no fundo do quintal, ela vai, opa, está na hora do Juninho mamar, da mamada. Então não é um planejamento. Mas são necessidades que ele tem para sobreviver.

D. Modelo Cultural: Autoridade da Família

Se os adultos tendem a ter um papel relativamente passivo em relação ao desenvolvimento físico da criança, isso não se repete no que é identificado como o “amadurecimento” da criança. Esse termo é usado para descrever o desenvolvimento emocional, comportamental, social e mental de crianças de dois a quatro anos. Aqui, os entrevistados conferiram à família um papel central: é ela que desenvolve a moralidade ou “caráter” da criança. Isso não implica que o público espere ou deseje que somente a família influencie a criança – a experiência de diferentes ambientes é considerada como fator importante para a formação da sua personalidade e sociabilidade, como

veremos abaixo –, mas que a família deva ter a responsabilidade principal. Essa autoridade permite que a criança se torne um adulto com “bom discernimento” e, assim, com uma boa “saúde mental”, que mantém os valores da família; a autoridade familiar também orienta a criança em suas reações a influências positivas e negativas de outros ambientes, funcionando com o pressuposto de que os diferentes ambientes têm um impacto forte e potencialmente perigoso para o amadurecimento das crianças.

Entrevistado: Se vai para a casa de um amiguinho e que o amiguinho não respeita os pais, grita com os pais. Ele, não, não faz isso com a sua mãe não. Você tem que respeitar a sua mãe. Ele não vai ser contaminado com aquilo. Porque já é um escudo invisível, já é uma proteção, mas que foi feita em casa. Os pais, olha, você vai para a casa da sua avó, que a sua avó, os seus tios dizem palavrão, não aprende essas coisas que errada. E assim em qualquer ambiente em que estejam.

--

Entrevistado: Convívio em família, convívio com todos, se os pais orientarem com respeito, como nós há pouco falávamos dessa criança aí que para vários ambientes diferentes, mas se ela é bem fundamentada, bem orientada em casa, porque em todos os ambientes tem o bem e o mal. Até em casa tem. Mas se fazer com que absorva só as coisas boas. Isso vai ajudar bastante.

--

Entrevistado: Para a criança não ter só aquele vínculo dentro de casa. É importante conhecer outras crianças, de outro tipo de criação também. Para ela ver que o mundo, não é só aquele que ela tem dentro de casa. Até ela tem vários, são vários mundos, não é só aquele mundinho que ela tem dentro de casa, aquelas regras, do jeito que ela vive dentro de casa. Ela ter contato com outras pessoas e isso é válido também.

Entrevistador: Outros jeitos, não é?

Entrevistado: Sim, sim. Mas tudo tem um limite, tudo tem, não é um controle, mas você tenta buscar convivência, que é melhor também para a criança, nem sempre o que ela acha que é bom para ela a gente vai aceitar e deixar.

O modelo cultural Autoridade da Família se contrapõe às intervenções estatais que buscam proteger as crianças, como a chamada Lei da Palmada.

Entrevistado: Mas eu acho que essas leis, essas e outras que possam vir a existir elas não podem nunca tirar a autoridade dos pais (...) então a lei da palmada (...) Pé de galinha não mata pinto (...) A galinha está andando, piu, piu, e ela pisa no pintinho e segue e o pintinho levanta e vai embora. Então um pai ou uma mãe quando é obrigada a ter que punir o seu filho ou dar umas palmadas, é muito mais... Talvez o erro esteja na falta de diálogo porque ela quer impor a sua autoridade, fazendo valer a sua vontade com o castigo, com uma punição. E tirar isso dos pais, acho que não é bom. Orientá-los para que isso não seja necessário seria ótimo, mas se os pais acharem... Porque eu acho que o governo tem que chegar até a porta da minha casa. Ele tem que proteger a minha família até a porta da minha casa. Da porta para dentro tem que confiar na educação que eu vou dar, na criação que eu vou dar.”

--

Entrevistador: Aquela lei de bater na criança?

Entrevistado: É. Foi muito boa assim, porque tem mãe, que Deus me livre, que são muito mau mesmo, mas tem crianças que merecem um pouco de peinha para poder... Não as criancinhas, bebezinha, mas aquelas que já estão aprendendo...

E. Modelo Cultural: Desenvolvimento Cognitivo é na Sala de Aula

O público brasileiro não faz qualquer relação entre o desenvolvimento cognitivo e a aquisição de habilidades como andar, correr, falar e tampouco o amadurecimento socioemocional, ou seja, esse modelo mais uma vez indica a dificuldade de o público brasileiro associar o termo “desenvolvimento” à fase pré-escolar (lembrando que “crescimento físico” e “amadurecimento socioemocional” são termos usados pelo público para descrever a trajetória da criança durante a primeira infância). Portanto, para os entrevistados, o desenvolvimento cognitivo ou intelectual está restrito à educação formal, ou seja, existe o pressuposto de que ele se caracteriza pela aquisição de informações. A sala de aula será prioritariamente o lugar onde o desenvolvimento cognitivo acontecerá e, mesmo que a escola como um todo seja também vista como um importante local de socialização, os entrevistados não fizeram qualquer relação entre desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento socioemocional, usando com frequência o termo “desenvolvimento” sem qualquer qualificativo, para se referir apenas à educação formal.

Entrevistador: E antes disso, os bebezinhos também, você pensa em desenvolvimento na primeira infância... naquele momento?

Entrevistado: Naquela fase mais latente?

Entrevistador: É.

Entrevistado: Não, não.

--

Entrevistado: Olha eu acho que infância, eu acho que nem vejo como desenvolvimento não. Eu acho que tudo é muito natural. Eu nem vejo assim. Eu acho assim, que você não tem obrigação. Então não vejo desenvolvimento que você tenha é de infância, acho que ainda é você querer fazer o que os mais velhos fariam. Não vejo muito assim de...

Entrevistador: Desenvolvimento seria um termo muito...

Entrevistado: Eu acho que seria muito forte. Para você chegar e falar. Que eu falei com você que eu acho que seria dois, quatro anos por aí, para ter alguma coisa de desenvolvimento. Impensável.

--

Entrevistado: Acho que em respeito, hierarquia, formação. Antigamente você estudava para eu aprender, para eu fazer as coisas. Hoje a escola tem um papel de educar. E quem educa é um professor. E o que o professor pensa nem sempre no meu ponto de vista é o que seria o certo. Então hoje a família põe de um jeito e a escola põe de outro. Como também tem família que não faz nada e dá o filho para a escola educar a criança. Eu acho que o ambiente de escola mudou muito.

F. Modelo Cultural: A Sociabilidade é Central

Os entrevistados concederam especial atenção ao desenvolvimento de habilidades sociais. A amplitude com que tal questão apareceu nas entrevistas sugere que tal habilidade é o meio para e o resultado central do que se considera um bom desenvolvimento; é aquilo que forma o “bom cidadão”, uma pessoa trabalhadora, respeitada, com muitos e bons amigos. A capacidade de a criança saber se relacionar bem com a sua família e com os seus pares, o que inclui saber quando se distanciar das pessoas, também aparece como preocupação fundamental para os adultos responsáveis por formar o caráter da criança – ou seja, a boa sociabilidade está vinculada ao bom desenvolvimento moral da criança, e para o público brasileiro isso pode e deve ocorrer desde a mais tenra idade, desde que sob a supervisão de adultos responsáveis.

Entrevistado: Social está ligado, como eu falei, do colégio. Quanto mais cedo você for para o colégio com mais social, sociabilidade... Da criança bem maior, bem maior. Se você viver dentro de casa, com um irmão ou com a mãe ou com... você não vai ter esse contato direto até das próprias reações, como é que você vai saber como a criança pode ser sociável ou se é amável se ela não tem contato com outras crianças.

--

Entrevistado: Um ponto muito positivo porque a criança desenvolve essa questão da amizade, ajuda a desenvolver o companheirismo da criança. É um convívio externo, é você ter uma referência, eu tenho amigos, é você poder, a criança poder brincar, ter o lazer. Se for para estudar, vai estudar junto. Criar, começar a moldar a criança para a sociedade. O comportamento da criança na sociedade. Porque eu acho muito importante, ajuda demais qualquer criança, ajuda muito.

DECORRÊNCIAS:

- 1. O modelo cultural Desenvolvimento com Memória dificulta enormemente a eficácia das comunicações sobre o desenvolvimento na primeira infância, especialmente a fase de 0 a 3 anos.* Como esse modelo identifica a capacidade de “guardar” e “lembrar” os eventos marcantes “no pensamento” como princípio do processo de desenvolvimento, as comunicações enfrentarão um grande desafio para explicar o desenvolvimento cognitivo e socioemocional que ocorre antes desse período. Isso sugere que comunicadores terão que repensar os termos que usam para descrever o “desenvolvimento na primeira infância”, assim como buscar reformular a importância dessa fase para o desenvolvimento integral (físico, cognitivo e socioemocional).
- 2. O modelo do Cérebro Desconhecido também dificulta a comunicação sobre processos neurológicos, cognitivos e socioemocionais e a sua integralidade durante o DPI.* Assim, todas as explicações sobre o desenvolvimento cognitivo e socioemocional da criança devem ser acompanhadas por informações sobre a formação do cérebro, uma vez que o funcionamento deste órgão é amplamente desconhecido e seu desenvolvimento tido somente como um crescimento físico. Tal descrição precisa enfatizar a conexão entre o crescimento físico do órgão, o desenvolvimento cognitivo da pessoa (a capacidade de aprender) e aquilo que é denominado como “consciência” (a mente), que também envolve o afeto e a memória.

3. *O modelo DPI = Crescimento Físico é limitador.* O fato de o público focalizar o desenvolvimento físico durante o primeiro ano de vida da criança e, assim, a importância da saúde e da alimentação, não é inteiramente negativo. Porém, quando esse modelo domina a maneira que o público pensa sobre o desenvolvimento dos bebês, a comunicação sobre outras áreas importantes de atuação, como o estímulo e a interação, torna-se difícil. Ao mesmo tempo, é possível que esse modelo forneça um meio de impulsionar as comunicações sobre a importância das interações entre o desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional. Por exemplo, seria possível criar formas de comunicação que enfatizassem que o desenvolvimento do controle motor, da fala e da capacidade de andar de uma criança pequena ocorre por meio do amadurecimento neurológico, que por sua vez acompanha e propulsiona o seu desenvolvimento cognitivo, e que todos eles são permitidos e impulsionados pelas relações socioafetivas.

4. *O modelo Autoridade da Família tem decorrências misturadas.* A ideia de que o “bom discernimento” na vida adulta é um índice de boa saúde mental e que a família é responsável por essa formação é um ponto positivo para a comunicação sobre o DPI. Porém, a forma como esse tipo de desenvolvimento é considerado um domínio exclusivo da família é um problema para a avaliação de políticas que têm um impacto sobre o desenvolvimento na primeira infância. Por exemplo, a forte oposição à chamada Lei da Palmada revela as limitações enfrentadas por políticas que visam regular o domínio privado. Ou seja, quando esse modelo aparece como forma de falar sobre a proteção em relação a ameaças contextuais e eventuais, a autoridade ou responsabilidade da família é positiva, mas quando esse modelo transmite a ideia de protecionismo, de controle excessivo, ou de que a família é responsável por afastar a criança indiscriminadamente de outros contextos que não os familiares, ele se torna um modelo limitador. A limitação de tal modelo é ainda mais clara quando elabora a ideia do desenvolvimento da criança como restrito a apenas uma questão disciplinar, deixando de lado os outros aspectos do desenvolvimento, como o socioemocional e o cognitivo - o que mais uma vez indica que a comunicação deve enfatizar a integralidade do desenvolvimento na primeira infância.

5. *O modelo Desenvolvimento Cognitivo é na Sala de Aula dificulta as estratégias de comunicação sobre o DPI.* Esse modelo está fortemente associado à separação do aspecto cognitivo dos aspectos socioemocionais no DPI, dificultando a tradução do conhecimento científico, especificamente a mensagem dos especialistas que enfatiza o papel dos bons relacionamentos para o desenvolvimento cognitivo, sejam eles dentro ou fora da família. Esse modelo também se articula com a visão da educação formal como meio de controle e a aprendizagem como processo dificultoso, ambas contrapostas à valorização de uma infância pré-escolar livre, caracterizada pela falta de responsabilidade, pela inocência e pelas brincadeiras. Essa visão também veicula a ideia de que as informações proporcionadas pela escola serão acessadas por aquelas crianças que têm “gosto” ou “dom” para a aprendizagem escolar, mas não por todas. A família fornecerá o caráter que possibilitará a uma criança ter a capacidade de desenvolver esse dom ou de se contentar com as suas limitações e buscar outros caminhos positivos. Apesar de seu lado paliativo, a distância entre a família e a escola, o afeto e a sala de aula, implícita a esse modelo, dificulta o fortalecimento de políticas públicas para lidar com a amplitude de demandas constatadas no segmento da primeira infância.

6. *O modelo A Sociabilidade é Central é promissor, mas precisa ser integrado a outros aspectos do desenvolvimento.* Tanto a ideia de que a sociabilidade é importante para o desenvolvimento quanto a que vê a sociabilidade como o resultado do bom desenvolvimento são aspectos produtivos desse modelo. Porém, a sociabilidade precisa ser integrada a uma mensagem sobre o desenvolvimento integral, em que habilidades sociais, emocionais e cognitivas são integradas no processo de desenvolvimento. Tanto os valores quanto as metáforas que o FrameWorks está desenvolvendo têm o potencial de comunicar de forma produtiva a sociabilidade como parte de um desenvolvimento integral.

2. COMO AS CRIANÇAS SE DESENVOLVEM?

O público brasileiro oscila entre concepções do desenvolvimento da criança como processo ativo, no qual as crianças se definem, e um processo passivo, no qual elas absorvem e refletem aquilo que está no seu entorno. Essas duas visões contraditórias da criança são acionadas quando o público pensa o desenvolvimento como ocorrendo através da experiência.

MODELOS CULTURAIS:

A. Modelo Cultural: A Criança Passiva

Uma das formas dominantes de conceber o desenvolvimento infantil nas entrevistas foi como um processo passivo, em que as crianças simplesmente refletem ou absorvem aquilo que está no seu entorno. Muitas vezes essa ideia é representada pela noção da criança como espelho, ou ocasionalmente como uma esponja que absorve o seu ambiente.

Entrevistado: A criança é uma esponja. Porque se os pais chamam palavrão, eu costume dizer, criança não chama palavrão, criança repete palavrão. Porque ela ouviu. Ouviu e aprendeu, então ela ouviu do pai e da mãe. Ela tem eles como espelho. Meu pai e minha mãe são o meu espelho. O que eles fazem é o que é certo. Então o pai fuma, a mãe fuma, o pai bebe. Então a criança vai assimilando aquilo e vai achar que aquilo é normal porque as pessoas que ela mais ama no mundo fazem... (...) Crianças perguntam por que, a idade do por que é por aí, quatro, cinco, seis, por que, por quê? Chega a dar nos nervos de tantos porquês, mas é aquela coisa, é informação, é o HD limpo, vazio, duzentos milhões de mega bite e vamos embora, encher aquilo tudo.

Crianças são consideradas não somente um reflexo de seus pais, mas também de outros contextos que fazem parte de sua vivência. Dessa forma, mesmo os entrevistados que formulam a ideia de uma essência inata em cada criança avaliam as crianças de forma geral como camaleões, ou seja, consideram que elas agem diferentemente segundo cada ambiente e são extremamente propensas a absorver influências externas. Mas isso não acarreta uma desvalorização da convivência em outros ambientes que não o familiar. Ao contrário, considera-se que é bom para a criança conviver com não familiares, quando ela poderá desenvolver sua sociabilidade desde muito pequena, já que é isso que a tornará um adulto melhor. Tal avaliação da importância de outros espaços ou pessoas para o desenvolvimento na primeira infância vai

depende do próprio espaço: se a gestação da mãe for boa, a disposição física do bebê também será boa; se a vizinhança for boa, ela certamente fará bem ao desenvolvimento da criança; se o amigo for bom, vai ser importante; até mesmo os parentes estão inseridos nesse raciocínio: se o tio for bom, ele vai ajudar no desenvolvimento, caso contrário, não. O mesmo acontece com a televisão, que nesse sentido é considerada como mais um ambiente.

Entrevistado: Toda criança, independente do ambiente, ela muda, varia. Em casa ela tem a liberdade de fazer o que der e vier. Já na casa dos tios, faz quase que tudo. Já na escola tem regras. Já na rua também tem regras, mais ainda.

B. Modelo Cultural: A Criança Ativa

Os entrevistados oscilaram entre uma concepção mais passiva e outra mais ativa do processo de desenvolvimento infantil. Ainda que seja bastante comum a ideia da criança que reflete ou absorve o ambiente no qual ela convive, os entrevistados também se utilizam de formas mais ativas para descrever o processo de desenvolvimento infantil, tais como a criança "identificar" o que gosta, o bebê se "manifestar" do jeito dele, os pais "deixarem a criança se definir". Em outras palavras, ao mesmo tempo em que as crianças refletem o ambiente em que vivem, elas têm desejos, descritos muitas vezes como autoritários, e isso faz com que elas tenham a capacidade de filtrar as experiências que vivem (note-se que tal capacidade é vista como algo gradual, ou seja, a criança é tanto mais madura - e seu desenvolvimento é tanto melhor - quanto mais ela for capaz de filtrar as influências externas).

Entrevistado: Por isso que eu acho que tem que deixar a criança se definir para que ela saiba aquilo que ela quer ser. Então deixa fluir.

--

Entrevistado: As crianças são muito autoritárias. Acho que, desde bebê, são muito autoritárias. São muito autoritárias no sentido de que aquilo que ela quer e ainda que expliquemos as razões ou os motivos pelo qual não se pode dar no momento, ela não vai entender muito porque naquilo que ela quer, naquilo que ela quer realizar, naquilo que ela quer se satisfazer, aquilo que ela quer, tem que ser exatamente naquele momento e não interessa a justificativa dos pais ou do responsável, explicar.

--

Entrevistado: As famílias estão muito suscetíveis aos desejos de uma criança.

C. Modelo Cultural: A Criança da Experiência

A ideia de que as crianças aprendem através da experiência é forte e recorrente. O que o público considera experiência inclui diferentes atividades, como brincar e estudar, mas é particularmente relacionada à participação ou à exposição da criança a ambientes diferentes e também a exemplos que ela recebe dos adultos e de outras crianças. A experiência vai depender, portanto, das relações sociais da criança e dos ambientes aos quais ela é exposta, o que leva o público brasileiro a enfatizar a qualidade de tais espaços. Este modelo combina os outros dois modelos

anteriores, isto é, para os entrevistados, a criança é necessariamente exposta a experiências boas e ruins, que podem afetá-la de forma positiva ou negativa de acordo com a sua absorção (criança passiva) ou com o seu discernimento (criança ativa), este último atributo, por sua vez, também desenvolvido pela experiência, neste caso especialmente pelos ensinamentos vindos do ambiente familiar.

Entrevistado: Eu acho que é como a criança vai aprender a se relacionar com o mundo, como que ele vai adquirir experiências, saber como tratar as pessoas, aprender aquela primeira educação, aprender a ser uma pessoa que sabe se portar, que isso é o que vai começar a guiar a educação dela.

--

Entrevistado: É sim, com certeza, porque um vai aprendendo com o outro. Um vai mostrando para o outro o que aprendeu com a família. Enquanto o outro ou a outra também vai ensinando o que aprende com a família dele. Principalmente quando se é de uma criação totalmente diferente uma da outra. Então é importante sim, que é um aprendizado.

--

Entrevistado: O desenvolvimento de uma criança é também oriundo do meio em que ela vive. Das informações que ela recebe. Porque que eu citei as crianças da zona rural como tímidas? Porque elas não têm acesso a informações que uma criança recebe dos pais independente da classe a, b e c. Na classe a, b e c, as informações que ela recebe são muito superiores às daquelas da chamada d, c, e, ou o que o valha. Então isso faz com que haja essa diferenciação.

Um pressuposto que está aninhado ao presente modelo é que a aquisição de experiência das crianças é gradual. Portanto, da gestação e nascimento até seu amadurecimento, a criança passa da condição de ingenuidade à de discernimento. Se de início elas são ingênuas e não têm malícia para distinguir o bem do mal, o certo do errado, o perigoso do seguro - e por isso têm a propensão de absorver tudo o que está em torno delas -, com o decorrer do tempo elas adquirem mais e mais experiência e, se bem orientadas, isso lhes permitirá ter amadurecimento o suficiente e boa capacidade de julgamento para filtrar as experiências durante toda a sua vida.

Entrevistado: Começa a enxergar melhor, distinguir melhor. Acho que a infância mesmo seria uma parte da inocência, descobrimento das coisas, parte da diversão.

--

Entrevistado: Você tá começando é a malícia um pouco do mundo, de você tá sabendo quais são as pessoas que realmente você pode confiar.

Note-se, portanto, que mesmo para aqueles que conferem importância aos atributos inatos e individuais das crianças, existe a ideia generalizada de que o ambiente – incluindo a barriga da mãe – e a experiência exercem uma influência fundamental no desenvolvimento infantil. Para eles, as disposições inatas ou construídas da criança exercem um filtro – ela absorverá ou não as influências do ambiente e, portanto, terá a possibilidade de escolher os exemplos que irá seguir.

Entrevistado: Porque a gente está em formação e crianças são umas esponjas. E começamos a absorver tudo que está a nossa volta. Mas chega um momento em que

nos tornamos maduros ou estamos amadurecendo e que começamos a dizer eu não vou ser assim. Eu vou ser assim. E tem pessoas que dizem que de repente, sem motivo nenhum, quer saber de uma coisa? Eu não vou mais ser direitinho. Não foi incentivo de pai, de mãe. Acho que é muito mais perfil, caráter da pessoa.

--

Entrevistado: Eu acho que aí vai da personalidade da criança. Eu não quero casar para ser o que meus pais foram. Porque eu podia, ah meu pai foi assim também. Ah meu pai batia na minha mãe e porque que eu não vou bater na minha mulher? Eu tenho dois caminhos a seguir, eu faço uma escolha. Eu posso tirar o caminho do erro ou do acerto. Tem pessoas que são fracas de mente e optam pelo caminho errado, são as chamadas Maria vai com as outras e tem aquele que tinha. Fala-se muito em favelas. Ah fulano tinha tudo para ser errado, mas trilhou o caminho do bem. Mas o inverso é verdadeiro. E aqueles que tinham tudo para dar certo, enveredam pelo caminho do mal.

DECORRÊNCIAS

1. *A presença dos modelos contraditórios de Criança Passiva e Criança Ativa dá espaço para introduzir e fortalecer o conceito dos especialistas da integralidade do DPI.* Por um lado, o público entende o desenvolvimento de diversos aspectos dos bebês e crianças como um processo “automático”, “natural” e “instintivo” de crescimento e absorção. Por outro lado, o público entende que a criança é um ser voluntarioso e autoritário. Essa oposição poderá ser explorada e aprofundada utilizando-se a noção de desenvolvimento integral, em que aspectos biológicos, cognitivos e socioemocionais estão sempre interagindo, impedindo a classificação da criança como simplesmente espelho ou autoritária, dependente ou determinada, pois o bom desenvolvimento pode ser entendido como um processo que constantemente demanda uma interação equilibrada.

2. *A ênfase no aprendizado por meio da experimentação é promissora, mas requer alguns refinamentos para a estratégia de comunicação sobre o DPI.* A compreensão de que a qualidade dos ambientes sociais tem um impacto importante sobre o desenvolvimento, inclusive o ambiente intrauterino, abre a porta para as mensagens dos especialistas sobre o papel das políticas públicas para a melhoria desse processo. Porém, a maneira que o público pensa a experiência está vinculada a crianças acima do segundo ou terceiro ano de idade, portanto é necessário trazer essa compreensão para os períodos anteriores. Ao mesmo tempo, a conexão causal entre a aprendizagem dos desenvolvimentos cognitivo e socioemocional ainda requer trabalho para ficar explícita.

3. *O modelo cultural Criança Ativa é promissor para as explicações acerca do desenvolvimento cognitivo, porém também instiga e entra em conflito com o modelo Autoridade da Família.* Segundo o público, o fato de a criança ser “autoritária” na expressão dos seus desejos leva os adultos a terem que impor a sua autoridade. Portanto, as estratégias de comunicação deverão confirmar a ideia da Criança Ativa que experimenta os diferentes ambientes, mas também deverão reportar a importância da criança ser orientada e acompanhada com afeto em suas atividades. Atualmente estamos desenvolvendo uma metáfora com esse objetivo.

3. O QUE DIFICULTA O DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA?

O público brasileiro identifica, principalmente, as pressões da sociedade mais abrangente como empecilho ao processo de desenvolvimento infantil de forma geral, o que é bastante promissor para a promoção de um debate nacional sobre a importância de políticas públicas eficazes. A percepção da importância dos ambientes também tem um impacto sobre o desenvolvimento do indivíduo, gerando apatia e desmotivação por diferentes motivos e, assim, estabelecendo o vínculo entre o contexto social e o desenvolvimento socioemocional da criança. Portanto, os modelos culturais abaixo apresentam uma porta de entrada para a elaboração de comunicações sobre o desenvolvimento integral da criança, enfatizando a conexão entre os desenvolvimentos social, cognitivo e emocional.

MODELOS CULTURAIS:

A. Modelo Cultural: Os Desafios da Modernidade

Para o público brasileiro, o contexto “moderno” em que as crianças estão se desenvolvendo traz desafios específicos para o desenvolvimento infantil. A modernidade é associada à urbanização e à tecnologia, ambas facilitando “o acesso” à educação, à saúde, à informação, mas ao mesmo tempo acelerando o ritmo de vida dos pais e de seus filhos. As crianças têm mais acesso à informação do que no passado e conseqüentemente mais responsabilidades e menos tempo para serem crianças, enquanto os pais, por sua vez, têm menos tempo para supervisionar a educação das crianças. Por isso, para os entrevistados, ao mesmo tempo em que a modernidade proporciona um notável aumento da inteligência das crianças, ela também é percebida como uma ameaça ao seu desenvolvimento, pois se considera que o maior acesso a informações confere maior autonomia às crianças, ameaçando a autoridade da família (sendo o aumento da violência no Brasil visto como resultado desse desequilíbrio). Junto com uma avaliação positiva dos tempos modernos, tal modelo também carrega um índice de nostalgia de um tempo em que os pais tinham mais autoridade e as crianças mais tempo de inocência e menos responsabilidades. É um modelo que indica fortemente a importância de buscar uma reformulação dos papéis dos adultos e das crianças dentro de casa.

Entrevistado: O desenvolvimento das crianças, o aprendizado, a inteligência das crianças de hoje em detrimento, por isso que eu falei que houve infância na minha época porque era aquela coisa boba, a criança boba. No sentido literal de ser criança. E hoje a criança é superesperta. Você vê criança de cinco que já diz o que quer e os pais simplesmente se submetem àquilo.

--

Entrevistador: Você falou de hierarquia. Você acha que está mais frouxo hoje?

Entrevistado: Muito mais frouxo.

Entrevistador: As crianças estão tendo mais

Entrevistado: É, eu acho. Antigamente por exemplo, isso tem pontos positivos também. Eu olhava para a diretora da escola e quando ela passava por mim, eu baixava até a cabeça. Hoje é tudo assim, o aluno pode tudo e aí o professor parece que

tem medo ou não tem tanta vontade de fazer as coisas, entendeu? Então eu acho completamente diferente.

--

Entrevistado: Não, a geração dela é totalmente diferente. É tudo diferente, tudo bem planejado. É porque as coisas mudam muito. Por exemplo, na minha época, andava descalço, soltava papagaio, ia jogar bola no outro bairro. Então hoje já não são assim, Ela ia fazer um negócio e já pensava eu tenho que voltar aqui, tal hora para eu assistir isso. (...) Num ponto é ruim porque eles são privados de muitas coisas que na minha época a gente fazia. Só que em contrapartida, acho que eles têm mais, eles são mais responsáveis.

B. Modelo Cultural: As Consequências da Carência Socioeconômica

Os entrevistados refletiram sobre como a classe socioeconômica da família influencia o desenvolvimento da criança. A falta de acesso a diferentes tipos de recursos por parte das crianças oriundas de classes socioeconômicas desfavoráveis é avaliada como tendo um impacto negativo na família e nas escolas, tornando mais difícil a trajetória dessas crianças, principalmente devido à má qualidade da educação formal e à maior exposição e consequente propensão a absorver os exemplos ruins e desestimulantes advindos do ambiente onde convivem. Da mesma forma, considera-se que a criança de meio socioeconômico desfavorável só conseguirá mudar sua situação se batalhar muito, isto é, considera-se que esse meio se apresenta como uma desvantagem e um obstáculo em potencial para o desenvolvimento infantil, notadamente o desenvolvimento de suas potencialidades escolares e profissionais, além de seu conforto/segurança material.

Entrevistado: Dependendo, tipo assim, de cada ponto que uma pessoa vive. A pessoa que mora, digamos, a pessoa que mora na zona sul, que mora no Leblon, a sociedade ensina ele a sempre tá por cima. E a pessoa que mora também na zona sul, mas lá no Vidigal, a sociedade sempre, tipo assim “pô, você não vai conseguir, você vai desistir”. Já as pessoas que já não moram na zona sul, já mora na zona rural, a sociedade influencia que ele não vai nem conseguir chegar até a zona sul, a não ser se for pra trabalhar.

--

Entrevistado: Está, está num colégio bacana. Eu consegui uma bolsa para ela. Está bacana.

Entrevistador: E você sentiu isso?

Entrevistado: Nossa, completamente. Elas são seis amigas, elas estão juntas desde os três anos de idade. Foram para a escolinha.

Entrevistador: Pela vizinhança?

Entrevistado: Pela vizinhança. Eram vizinhas do mesmo bairro, não de casa. Dessas seis, as quatro conseguiram bolsa para entrar numa escola particular, minha filha entre elas. E duas não conseguiram. E essas duas foram para uma escola estadual. É gritante. É coisa de dar dó, do tanto que as duas que estão em escolas públicas estão atrasadas, não têm a mentalidade que as outras têm.

--

Entrevistado: A casa é bem diferente. O jeito. As escolas são bem diferentes. O ensinamento é bem diferente. O que mora na zona sul, o pai ensina que ele sempre vai ter. O que mora na zona norte, o pai ensina que ele pode ter, entendeu, só se ele lutar muito.

Mesmo quando os entrevistados demonstram preocupação com a falta de acessibilidade das pessoas provenientes de setores que sofrem com a carência socioeconômica, eles não endossam por inteiro os efeitos positivos das condições materiais mais favoráveis. Os entrevistados elaboraram o pressuposto de que as crianças de meios sociais bastante favoráveis tendem a ser mimadas, menos ativas, menos responsáveis, e tendem a se tornar adultos menos conscientes dos problemas sociais. Identifica-se como problema central menos a riqueza propriamente dita e mais sua relação com a apatia de alguns setores em relação à desigualdade socioeconômica brasileira.

Entrevistado: E já uma pessoa da classe alta, não tem como. Porque ela nunca foi numa favela. Nem os pais vão levar. Então ela não sabe o que é uma arma, não sabe ... (...) Ela convive no meio de muita grana e poder. Vai crescendo já pensando em ter os melhores brinquedos. Se ela estiver na escola e ver uma criança que seja inferior a ela, vai criticar. Não todas. Não posso julgar todas. Mas acontece muito isso. Tipo bullying não é? É isso. (...) Quando ela chegar a adulto ela vai querer ter ótimos imóveis, os melhores carros. Aí conhece outros que já não dão a mínima em termos de responsabilidade.

--

Entrevistado: Já tem muito e não se conforma com o muito que tem. Quer sempre ter mais, podendo ajudar aquele que tem pouco. É uma coisa, tipo assim, que não acontece... isso acontece com rico, mas não acontece com pobre. Pobre tem pouco, e quer ajudar com o pouco que tem. Ajudar aquele outro que tem menos ainda, entendeu? E o rico quanto mais tem, mais quer ter.

C. Modelo Cultural: Preconceito Desmotiva

Vários entrevistados mencionam a presença do preconceito racial em ambientes escolares, profissionais e na sociedade brasileira de modo geral. Quando ocorre na escola, ele pode vir a influenciar bastante o desenvolvimento das crianças, desmotivando-as a se relacionar com as outras crianças e a estar na escola. Ainda que os entrevistados não deem muitos detalhes sobre como o preconceito racial interfere no processo cognitivo das crianças, a constatação de que o preconceito, enquanto aspecto sociorrelacional-econômico, enfraquece o vínculo da criança com a escola, prejudicando sua concentração, pode ajudar a enfatizar a mensagem dos especialistas de que o apoio afetivo facilita o bom desenvolvimento.

Entrevistador: A escola é um ambiente importante pra criança?

Entrevistado: Um pouco. Mais pro ensino. O ensino das crianças, saber ler e escrever. Saber o que é, essas coisas assim. Mas, quando eu estudava, não era muito boa não. Batiam em mim, porque eu era moreninha e me chamavam de neguinha. Essas coisas na escola, como é que falam? Como é que é que a gente fala? *Bullying*, né? (...) Eu

levava na esportiva. Mas, depois eles vinham bagunçando, lá vem a macaquinha e não sei o que. E eu ficava triste. Eu chorava.

--

Entrevistado: Acho que tem muita influência sim. O branco acha que se sente mais poderoso na sociedade, num modo geral. Não digo todos. Se sente mais poderoso nesse sentido. Existe também de tu procurar um serviço e tu vê que a pessoa tem a mesma qualificação que tu, só que tu está vendo que é por causa da raça. Hoje por exemplo, nós temos aqui a Cia Zaffari, não sei se tu conheces. Um tempo atrás eles não contratavam negros. Teve que vir a cota, que agora tem a tal da cota. Que tu vê que, de 10 a 20 caixas, tem um negro. Supermercado.

DECORRÊNCIAS:

1. *Os Desafios da modernidade ameaçam a autoridade da família.* A avaliação cuidadosa do público sobre os perigos da modernidade tende a enfatizar a perda da autoridade dos pais sobre as crianças modernas e, ao mesmo tempo, carrega certa nostalgia de modos mais rigorosos de “disciplinar” a criança. Assim, a metáfora desenvolvida no estudo brasileiro também pode funcionar para reformular os papéis dos pais como aqueles que guiam as crianças a atravessar as conturbações da modernidade.
2. *A ideia de que a carência socioeconômica representa uma desvantagem e possível obstáculo ao desenvolvimento infantil oferece uma boa porta de entrada para a comunicação da importância de políticas públicas eficazes.* Também a percepção de que escolas de má-qualidade prejudicam o desenvolvimento é bastante favorável para a tradução do conhecimento científico e consequente apoio a políticas públicas voltadas à primeira infância. Note-se, porém, que quando o termo “desenvolvimento” é usado, os entrevistados tendem a associá-lo ao período escolar dos últimos anos da primeira infância, ou mesmo posterior a ela, conforme o modelo cultural *Desenvolvimento Cognitivo é na Sala de Aula*. Portanto, ao evocar tal percepção será necessário também enfatizar que o que acontece nos primeiros anos de vida terá consequências no desenvolvimento e, portanto, que boas creches e políticas educacionais de apoio a este período são decisivas para o bom desenvolvimento infantil.
3. *A percepção das consequências da desigualdade socioeconômica oferece uma boa oportunidade para a comunicação da universalidade de boas políticas públicas para as crianças brasileiras.* Ressalte-se, no entanto, que em vez de formular considerações mais vagas sobre os aspectos negativos ou positivos advindos das posições socioeconômicas, é recomendável nomear os problemas mais específicos que ameaçam o desenvolvimento infantil (tais como violência, falta de saneamento básico, falta de infraestrutura de saúde e de educação, entre inúmeros outros), já que os entrevistados demonstram-se céticos quanto aos aportes necessariamente positivos que as condições socioeconômicas favoráveis oferecem ao bom desenvolvimento infantil, quando consideradas em seu aspecto estritamente econômico.
4. *O modelo Preconceito Desmotiva pode ser produtivo para descrever o quanto aspectos socioemocionais estão relacionados a aspectos cognitivos, e consequentemente físico-cerebrais,*

e ao aprendizado. O preconceito pode ser pensado como uma situação estressora recorrente, que dificulta ou interfere no estabelecimento de vínculos significativos e, portanto, representa uma ameaça ao desenvolvimento cognitivo. Ao mesmo tempo, o fato de as desigualdades raciais estarem presentes na visão do público é uma porta de entrada para comunicar que práticas e políticas devem alcançar todas as raças, classes e regiões no Brasil, levando em conta suas especificidades.

4. O QUE PODE SER FEITO PARA MELHORAR O DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA?

De forma geral, o público brasileiro se posiciona de forma bastante favorável à importância dos serviços públicos para o desenvolvimento infantil, oferecendo diversas soluções para a melhoria e extensão dos serviços existentes. Porém, os entrevistados também demonstram certa desconfiança em relação à motivação dos agentes públicos e, igualmente, à ingerência deles em questões consideradas de âmbito familiar. Além disso, o público não tem uma visão clara de como os serviços públicos teriam impacto sobre o desenvolvimento do cérebro da criança e sobre seu desenvolvimento cognitivo e socioemocional. Esse quadro complexo nos leva a sugerir uma estratégia de comunicação com duas orientações básicas: 1) evitar generalizações ao mencionar os serviços públicos, procurando deter-se em soluções e problemas específicos; e 2) sempre que possível, procurar enfatizar conexões claras entre problemas, soluções e o desenvolvimento neurológico das crianças pequenas.

MODELOS CULTURAIS:

A. Modelo Cultural: Melhorar os Serviços Públicos

Os entrevistados são enfáticos ao associar o desenvolvimento das crianças ao oferecimento de serviços públicos de qualidade, notadamente os de educação e saúde, porém eles não fornecem maiores detalhes sobre como tais serviços poderiam melhorar especificamente o DPI. Apesar de tal modelo representar pontos claramente positivos para a estratégia de comunicação, o desconhecimento das relações mais detalhadas entre serviços públicos e o DPI acaba por tornar vaga esta demanda, já que não são fornecidas mais informações para fundamentá-la. Além disso, dentro de tal reivindicação está embutido o modelo cultural *Desenvolvimento Cognitivo é na Sala de Aula*, pois quando se enfatiza que o desenvolvimento intelectual das crianças está quase que restrito ao aprendizado escolar, retira-se o foco do papel dos pais em tal atividade e também se desvincula os demais tipos de desenvolvimento (socioemocional, cerebral e físico).

Entrevistado: Eu acho que hoje o gratuito depende muito de qualidade. Se hoje anda-se muito de carro, é porque não tem transporte público de qualidade. Se você tem uma creche de boa qualidade, não vai importar muito de padrão de vida, de classe social. Eu acho que sendo boa, vai estar todo mundo.

--

Entrevistado: Tem muito esses Sases que são as crianças saindo da escola e vão para um outro ambiente, que eles ficam até o final do dia. Um reforço. Lá eles fazem atividades. Meninas fazem corte e costura já desde novinho. Já fazem educação física,

mais atividades. Para ocupar a cabeça. Porque a criança vai brincar na vila, ela está vendo o que está acontecendo na volta. Ela está vendo que um está na esquina bêbado. Ela está vendo que um não trabalha, fica o dia inteiro em casa. Isso tudo ela está vendo. Ela está crescendo vendo tudo ali. Lá está em outro ambiente, com outras crianças, contando o que acontece em casa.

B. Modelo Cultural: Desconfiança da Autoridade

Ao mesmo tempo em que o público reconhece que existem várias formas de melhorar e estender os serviços públicos, muitos entrevistados se mostram desconfiados dos agentes públicos de forma geral – além de serem amplamente considerados ineficazes e corruptos, não se aprecia sua interferência em questões vistas como de âmbito familiar – e, por isso, existe certa reticência em aceitá-los e escutá-los. Este modelo entra, portanto, em conflito com o anterior, e amplifica a dificuldade de comunicar o papel dos serviços públicos no desenvolvimento infantil.

Entrevistado: Teria que ter mais gente. Mas, tipo assim, tendo mais gente, teria que gastar mais dinheiro. O governo meio que parece que não quer muito gastar dinheiro. Quanto mais dinheiro põem, mais algumas pessoas tiram. Acaba não dando pra todo mundo, pra tudo que tinha que ser feito.

--

Entrevistado: Temos leis demais, mas não são cumpridas. É isso. É vontade política. É política pública. É só vontade de fazer. Leis, a gente tem muitas. A gente tem lei e... aí, você tem vários criminosos colarinho branco na rua. É só querer cumprir. Não adianta botar lei, lei, lei e não cumprir. Só cumprem quando eles querem.

Dentro desse quadro, é importante ressaltar como os médicos atuais não são considerados pessoas-chave para o desenvolvimento infantil. Existem dois conjuntos de afirmações embutidos nessa percepção. Para alguns entrevistados, os médicos não são importantes porque hoje em dia não têm o cuidado de antigamente, estão mais interessados no ganho financeiro individual, ou porque de modo geral o acesso a eles se dá apenas de forma precária e/ou dificultada. Para outros, no entanto, os médicos não são tão importantes porque não oferecem nenhum aporte ao desenvolvimento moral ou intelectual de uma criança, o que indica que o modelo cultural *DPI = Crescimento Físico* está aqui presente, ou seja, entra em ação uma separação por parte do público entre os aspectos físicos, socioafetivos e cognitivos para o bom desenvolvimento.

Entrevistado: Não acho importante não, só necessário. Porque hoje assim, é tudo muito deturpado. antigamente o cara queria ser médico porque ele viu o pai dele ser, porque ele tinha vontade. Hoje o cara quer ser médico porque ganha bem. Lógico que tem, a maioria são bons. Mas eu acho só como necessário, não vejo como referência.

C. Modelo Cultural: Mais Afeto na Família

Alguns entrevistados associam a melhoria do desenvolvimento infantil à melhoria da criação familiar. O carinho foi um dos elementos ressaltados para tanto, além da conscientização dos

pais em relação à importância de oferecer todas as condições necessárias para um bom desenvolvimento. O afeto é entendido como a maneira de concretizar a relação entre pais e filhos em uma sociedade moderna que transformou esse vínculo e, assim, possibilitar que a família ainda tenha certo controle sobre o desenvolvimento do caráter da criança.

Entrevistado: Mais carinho, mais conversa, mais... (...) Não adianta você dar as coisas à criança e não dar o amor, um carinho. Acho que é isso, para uma criança se desenvolver bem. Se tornar uma pessoa de bem. Um adulto de bem. É isso, o carinho, o afeto, a atenção, o caráter, porque você tem que ensinar a criança o que deve e o que não deve fazer (...) O que prejudica e o que não prejudica para as outras pessoas. (...) Então acho que isso sim, mudaria o mundo sim.

--

Entrevistado: De início, atenção dos pais. Amor, carinho. Que infelizmente os pais têm que trabalhar, como é o meu caso, eu trabalho, minha esposa também. Aí meu filho fica na creche. Fica praticamente quase oito horas na creche. É bom porque lá, ele aprende a conviver com outras crianças, a aprender a ler, escrever e ter carinho, amor. Mas os pais como nem sempre podem estar presentes, por conta do trabalho. Eu acho que se as crianças tivessem mais assim amor, carinho dos pais, a presença, melhoraria e muito.

D. Modelo Cultural: Mais Religião

Houve quem afirmasse que as crianças brasileiras teriam um melhor desenvolvimento se as pessoas se voltassem mais para a religião. Tal entendimento tem relação com o fato de que, em geral, os entrevistados avaliam positivamente as atividades religiosas para o desenvolvimento infantil e consideram que elas influenciam o que uma criança vai se tornar no futuro. Note-se que os entrevistados mencionam a importância de Deus na vida das pessoas – como apoio e força para enfrentar as dificuldades – e a vida comunitária que a religião proporciona, além das atividades culturais e educacionais desenvolvidas nesses ambientes.

Entrevistado: Eu acho que em primeiro lugar a sociedade tem que se voltar mais para Deus. Com a força do braço, a gente não consegue nada. Então a gente tem que se voltar realmente para Deus, buscar em Deus, procurar fazer mais coisas. Porque eu acho que tudo que acontece na vida hoje de um ser humano é consequência do que ele planta. Então a gente nunca vai colher, plantar arroz para colher feijão. A gente vai plantar um arroz, para colher arroz. Vai plantar um feijão para colher feijão. Então eu acho que essa distância que as pessoas elas têm de Deus, muitas vezes faz com que elas vão sofrer cada vez mais (...)

--

Entrevistado: Ah, professores. Professores bem formados. Esses princípios, eu acho que tinha que ser ensinado a religião nas escolas. Voltar a ensinar religião.

DECORRÊNCIAS

1. *O modelo Melhorar Serviços Públicos é promissor, mas requer certos esclarecimentos.* Por um lado, é produtivo que o público pense sobre as diversas áreas dos serviços públicos que requerem melhorias. Por outro, ficou claro que faltam maiores detalhes sobre os mecanismos através dos quais as políticas públicas podem ajudar na melhoria do DPI especificamente e, ainda, apontar quais situações ou problemas específicos os serviços públicos viriam a solucionar.

2. *O modelo Desconfiança de Autoridade pode criar um obstáculo para uma reflexão produtiva sobre programas governamentais, especialmente em relação à saúde.* Isso é especialmente evidente em relação a elaborações mais gerais sobre os serviços públicos, o que sugere a necessidade de focalizar problemas e serviços específicos em comunicações sobre a importância dos serviços públicos para o DPI. Também implica na necessidade de selecionar com cuidado quem serão os comunicadores das mensagens elaboradas a partir do conhecimento científico – claramente os políticos não seriam os porta-vozes ideais e, em alguns casos, tampouco os médicos os seriam, até mesmo em relação a questões de saúde.

3. *O modelo Mais Afeto na Família não ajuda o público a pensar sobre o desenvolvimento cognitivo.* O afeto, aqui, está relacionado apenas a questões socioemocionais e, portanto, dissociado de outras dimensões do desenvolvimento. Isso não significa que falar sobre o afeto seja ruim, mas os comunicadores precisam ter cuidado para não despertar no público o problema das crianças mimadas. Assim, é muito importante que os comunicadores sejam claros quanto à importância, para a criança, do equilíbrio entre o afeto e o limite, inclusive a forma de estabelecê-lo.

4. *O modelo Mais Religião pode ser positivo quando inserido na ideia de mais apoio nas comunidades.* Muitas vezes as atividades organizadas através de centros religiosos substituem as relações comunitárias providas das vizinhanças, especialmente em contextos onde se sobressalta o aumento da violência e, portanto, o isolamento da família. Assim, os coletivos religiosos formam uma base importante de apoio comunitário e atividades extracurriculares, que podem ser articuladas com serviços públicos em relação ao DPI.

MAPEAMENTO DOS DISTANCIAMENTOS E DAS JUSTAPOSIÇÕES

Nas seções anteriores, (1) registramos a maneira como os especialistas explicam o desenvolvimento na primeira infância; e (2) identificamos a maneira como o público brasileiro entende essa mesma questão.

Nesta seção, compararemos e mapearemos tais entendimentos de modo a revelar seus distanciamentos e justaposições.

JUSTAPOSIÇÕES

A análise comparativa pôde identificar que, além dos distanciamentos entre o conhecimento científico e o do público em geral, existem também justaposições. Tais áreas de confluência

apresentam características que podem ser estrategicamente utilizadas para tornar o conhecimento científico mais acessível e melhor assimilado.

1. Sociabilidade é Central. Tanto os especialistas quanto o público enfatizam a importância dos bons relacionamentos para o desenvolvimento na primeira infância. Enquanto para o público a boa sociabilidade não só é importante para o desenvolvimento como é o resultado do bom desenvolvimento, para os especialistas, a presença de relacionamentos significativos possibilita o desenvolvimento integral da criança. Ou seja, ainda que os especialistas abarquem mais elementos como resultado de uma boa sociabilidade, a importância que o público lhe confere será um terreno fértil para introduzir a noção de desenvolvimento integral.

2. Foco na Experiência. Para os especialistas, a experiência que a criança tem e o ambiente onde ela vive modificam e estimulam o funcionamento das características herdadas de seus pais. Por sua vez, as características herdadas também influenciam a maneira como as crianças respondem aos estímulos da experiência e do meio ambiente. Para o público, a criança é necessariamente exposta a experiências boas e ruins, que podem afetá-la de forma positiva ou negativa de acordo com a sua absorção (criança passiva) ou com o seu discernimento (criança ativa). Ainda que o público não estabeleça uma conexão dinâmica entre experiência e características herdadas, o entendimento de ambos os segmentos pode ser justaposto de forma a amplificar tal ideia para o público.

3. Meios Sociais Desfavoráveis Podem Prejudicar o Desenvolvimento Infantil. Os especialistas brasileiros ressaltam que ambientes desprotegidos geram problemas mais visíveis ao desenvolvimento infantil, desde o desenvolvimento neurológico da criança – que pode sofrer atrasos por doenças causadas pela ausência do saneamento básico – até o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo da mesma, em caso de exposição à violência crônica e sem amparo. Para o público, os meios desfavoráveis se apresentam como uma desvantagem e um obstáculo em potencial para o desenvolvimento infantil, principalmente devido à falta de oportunidades, à maior exposição e consequente propensão a absorver os exemplos ruins e desestimulantes advindos do ambiente onde convivem.

4. Escolas São Um dos Principais Agentes de Desenvolvimento das Crianças. Para os especialistas, escolas/creches precárias prejudicam o desenvolvimento das crianças de forma geral e, especialmente, no período chamado primeira infância, entre 0 e 6 anos de idade. Para o público, a escola é onde se dá o desenvolvimento cognitivo e tal percepção fornece uma excelente oportunidade para amplificação da ideia de que o desenvolvimento cognitivo se dá também na primeira infância e que, portanto, o apoio às políticas públicas voltadas para educação na faixa etária em questão é de importância decisiva.

5. Ênfase nas Melhorias dos Serviços Públicos Existentes. Tanto o público como os especialistas são enfáticos acerca da necessidade premente de melhorar os serviços públicos. Tal justaposição se mostra como uma boa entrada para amplificar, fundamentar e detalhar para o público as necessidades específicas para um bom DPI.

DISTANCIAMENTOS

1. O Cérebro - Importante versus Invisível. Enquanto os especialistas enfatizam o cérebro como um dos agentes do desenvolvimento, o público brasileiro não menciona tal órgão como fator importante e, quando solicitado a entrar em detalhes, fala sobre o crescimento físico de forma vaga e sem conexão com os outros aspectos do desenvolvimento infantil.

2. Dos 0 aos 3 - Um período Sensível versus Um período Secundário. Enquanto os especialistas consideram a primeira infância um período sensível para o bom desenvolvimento infantil, o público brasileiro tanto não conhece o termo “primeira infância” como tende a conferir mais importância ao período da infância que deixa marcas/lembranças na vida futura, ou seja, àquele imediatamente posterior à fase de 0 a 3 anos.

3. Onde o Desenvolvimento Cognitivo Acontece: Em todo Lugar versus Na Sala de Aula. Para o público, o conceito “desenvolvimento” é quase que restrito ao ambiente escolar e/ou institucional. Os termos mais comuns utilizados pelo público para descrever a primeira infância são “crescimento”, “amadurecimento” e “aprendizado”, sendo que até este último está mais conectado ao período escolar. Assim, um bebê começa a amadurecer e a crescer desde que nasce, mas seu desenvolvimento vai acontecer predominantemente durante o período escolar.

4. Desenvolvimento - Integral versus Compartmentado. Para o público, os vários aspectos do desenvolvimento não estão estreitamente interligados. Não há uma noção clara de causalidade entre os diferentes tipos de desenvolvimento, e especialmente o que público chama de “crescimento físico” é considerado independente dos demais.

5. Genes - Compreensão Científica versus Falta de Conhecimento. Ainda que o público em geral enfatize a importância do ambiente para o desenvolvimento da criança e a influência decisiva das experiências infantis em seu futuro, não se faz a relação entre essa influência e os genes, que a maioria dos entrevistados não sabe exatamente o que vêm a significar. Quando perguntados sobre a influência do sangue, eles tendem a mencionar sua importância em se tratando de aparência ou de doenças, mas não levam a influência genética para além disso.

6. Por que os Relacionamentos são Importantes - Desenvolvimento Cognitivo e Socioemocional versus Formação da Personalidade. Os especialistas enfatizam que bons relacionamentos potencializam o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo. Embora o público brasileiro também considere que o carinho dos adultos é muito importante e influencia o temperamento e a personalidade da criança, a relação de causalidade entre o amadurecimento emocional e o desenvolvimento cognitivo só foi elaborada em algumas poucas entrevistas.

7. Autoridade da Família: Apoio com Liberdade versus Controle. Em primeiro lugar, para o público, a autoridade familiar abarca a caracterização do que é o bom relacionamento entre adultos e crianças, quando os primeiros devem poder exercer sua autoridade na criação e desenvolvimento dos seus filhos. Contudo, para os pesquisadores, é necessário ressaltar o papel ativo das crianças em seu próprio desenvolvimento, percepção que fica em segundo plano para o público brasileiro. Há uma segunda maneira pela qual a autoridade dos pais também se expressa, a saber, na tentativa de controlar demasiadamente as atividades das crianças, enquanto os especialistas, por sua vez, enfatizam a importância do tempo livre, das atividades não assistidas e do problema do excesso de estímulo.

8. Intervenção profissional: Necessário versus Necessário com Desconfiança. Os especialistas enfatizam a importância decisiva da intervenção profissional para a recuperação de aspectos prejudicados pela exposição a algum estresse durante a primeira infância. O público não demonstra nenhuma aversão à intervenção profissional, muito pelo contrário, indica que toda ajuda é bem vinda, e concorda por unanimidade que é fundamental garantir a saúde mental de todas as crianças e o bem estar coletivo. Porém, o público também demonstra muita desconfiança em relação à atuação de diversos profissionais, especialmente os médicos, sugerindo que estes estão muito mais interessados no ganho pessoal do que no desenvolvimento de programas de apoio e intervenção.

9. Cuidados Intrauterinos e Perinatais: Crítico para o Desenvolvimento versus Importante para a Personalidade. Os especialistas ressaltam os períodos intrauterino e perinatal como especialmente sensíveis para o processo de desenvolvimento infantil, quando diversas estruturas estão em fase de formação e maturação, especialmente os sistemas imunológico e nervoso. O público elabora vagamente a ideia de que o ambiente influencia a criança durante a gravidez e, portanto, não confere detalhes sobre os mecanismos de funcionamento dessa influência. Ainda que se mencione a vulnerabilidade do feto a emoções maternas muito fortes, o processo de desenvolvimento intrauterino propriamente dito não é elaborado. Igualmente, a importância do parto não entra em cena.

CONCLUSÕES E ORIENTAÇÕES

Esta pesquisa revelou um conjunto complexo de modelos culturais que os brasileiros usam para pensar as questões relacionadas ao desenvolvimento na primeira infância. Alguns desses modelos contêm entendimentos que impedem a tradução científica, tais como: a) o desconhecimento do cérebro como órgão ativo e vulnerável do desenvolvimento; b) o desconhecimento do termo “primeira infância” e a ideia associada de que o período de 0 a 3 anos não deixa marcas tão importantes quanto os períodos subsequentes da infância; c) e, por fim, a separação de responsabilidades entre a família e a escola, conferindo à família a função de garantir a educação moral de suas crianças - usando da autoridade se necessário - e à escola a função de garantir o aprendizado cognitivo.

Todavia, a pesquisa também mostrou que os modelos culturais contêm maneiras de pensar consistentes com as mensagens dos pesquisadores e, se ativadas e bem direcionadas, podem aumentar a receptividade de vários de seus elementos-chave. Entendimentos comuns, como a ideia de que a experiência conduz o desenvolvimento da criança e de que a sociabilidade é fundamental representam uma ótima oportunidade para reforçar e complexificar as mensagens dos cientistas sobre a importância do ambiente e dos relacionamentos significativos.

A oscilação entre os modelos que bloqueiam e os que facilitam a tradução das pesquisas científicas sobre DPI sugere que trazer para o primeiro plano modelos culturais que estão atualmente em segundo plano será essencial para guiar a forma como o conhecimento dos especialistas será apresentado ao público brasileiro. Para tanto, será preciso encontrar ferramentas e estratégias que coloquem em primeiro plano aqueles modelos que predisõem os

brasileiros a produtivamente considerar as mensagens dos pesquisadores, e simultaneamente coloquem em segundo plano e neutralizem aqueles modelos que tornam improvável que os brasileiros considerem e endossem tais mensagens. Encontrar as ferramentas que permitirão tal deslocamento estratégico será a principal prioridade da estratégia de comunicação.

Nos últimos dez anos, o Instituto FrameWorks encontrou vários dos desafios e distanciamentos conceituais apresentados no presente relatório. Já existe, portanto, um conjunto de hipóteses bem documentadas sobre quais ferramentas atingem com mais eficácia o nosso objetivo de alinhar ambos os entendimentos. Isso sugere que a pesquisa de comunicação pode se valer desse conhecimento acumulado, testando as ferramentas que se apresentam como mais promissoras, especialmente as metáforas *Bate-Bola*, *Cordões de Aprendizagem*, *Mesa Nivelada*, *Três Formas de Estresse*, *Arquitetura do Cérebro* e *Balança de Superação*.

Esta pesquisa mostrou também a necessidade de desenvolver um conjunto de novas ferramentas de comunicação para abordar os distanciamentos e desafios específicos do contexto brasileiro. A metáfora a ser escolhida entre um conjunto de novas metáforas atualmente em teste deve ser pensada para lidar especificamente com a importância da ligação do desenvolvimento cognitivo com o desenvolvimento socioemocional de bebês e crianças pequenas. Como vimos, os especialistas explicam que as atividades das crianças precisam do apoio de adultos, porém, esse apoio precisa estar bem colocado a fim de conceder espaço para a criança ser ativa em sua aprendizagem, ou seja, há uma relação clara e decisiva entre a qualidade dos vínculos socioafetivos e o desenvolvimento cognitivo. A análise dos modelos culturais demonstrou que o público identifica a importância do apoio afetivo, mas tal concepção normalmente entra em conflito com a ideia de que as crianças precisam ser disciplinadas e controladas por suas famílias. Além disso, o público normalmente associa o afeto com o desenvolvimento moral das crianças pequenas (a aquisição gradual do discernimento entre o que é certo e errado), não elaborando com clareza a relação entre apoio afetivo e desenvolvimento cognitivo.

Com tal distanciamento em vista, o FrameWorks está desenvolvendo e testando uma metáfora especialmente formulada para o contexto brasileiro, com o objetivo de justamente comunicar o equilíbrio necessário entre apoio e liberdade, e a relação entre cognição e afeto. A metáfora deverá ser capaz de integrar esses elementos de modo a traduzir a mensagem dos especialistas sobre a importância dos bons vínculos entre adultos e crianças, a fim de possibilitar um papel ativo da criança em seu desenvolvimento intelectual.

Ainda que a pesquisa prescritiva precise ser desenvolvida, a atual pesquisa já produziu as seguintes recomendações para a divulgação do conhecimento científico sobre o DPI:

É RECOMENDADO:

1. Enfatizar os três primeiros anos da infância, sempre que possível, mencionando-os durante todo o processo de comunicação e não somente definindo o que é “primeira infância” no início de uma fala pública.
2. Estender a ideia de que o desenvolvimento dos bebês inclui não somente o crescimento físico, mas também o desenvolvimento cognitivo e socioemocional.

3. Mencionar o cérebro como um órgão particularmente vulnerável a influências físicas, cognitivas e afetivas na primeira infância.
4. Enfatizar que o desenvolvimento da capacidade intelectual depende da construção de bons vínculos afetivos e sociais.
5. Nomear os problemas mais específicos que ameaçam o desenvolvimento infantil (tais como violência, falta de saneamento básico, falta de infraestrutura de saúde e de educação, acidentes domésticos, entre inúmeros outros), de modo a provavelmente encontrar um substrato fértil já estabelecido de apoio a políticas públicas por parte dos entrevistados, minimizando a possibilidade de rejeição inicial que a menção a classes econômicas possivelmente suscitaria.

EVITAR:

1. Utilizar termos que evoquem leis que possam acionar a rejeição do público ao remeter à ideia de perda da autoridade familiar.
2. Formulações que coloquem o conhecimento científico como superior às práticas e aspirações familiares, de modo a não suscitar uma rejeição inicial à tradução do conhecimento científico com base no modelo cultural de autoridade familiar.
3. Usar o termo “primeira infância” sem se referir explicitamente à faixa etária em questão.
4. Formular considerações vagas sobre a influência das condições socioeconômicas para o desenvolvimento infantil, de modo a não acionar o ceticismo do público em relação aos aportes necessariamente positivos que as condições socioeconômicas e materiais favoráveis ofereceriam.
5. Utilizar os termos “memória” e “armazenamento” para caracterizar o desenvolvimento cognitivo e as possíveis consequências futuras de qualquer evento negativo.

APÊNDICE

MAIS ACERCA DAS ENTREVISTAS SOBRE OS MODELOS CULTURAIS

As perguntas feitas nas entrevistas sobre os modelos culturais são propositadamente amplas e bastante abertas, com o objetivo de não considerar nada como preestabelecido. As primeiras perguntas, normalmente abrangentes (“O que é primeira infância?”, “O que você pensa quando ouve falar em desenvolvimento na primeira infância?”), foram normalmente seguidas de solicitações para que os entrevistados elaborassem um pouco mais suas ideias (“Você disse *que...* Por que você pensa que *isso* acontece?” ou “Você disse *que...*, me diga um pouco mais o que você quis dizer quando você disse *isso*” ou “Você estava falando sobre *isso*, mas antes você estava falando sobre esse outro assunto. Você acha que esses dois assuntos têm alguma relação entre si?”).

Esse padrão de questionamento gera conversas necessariamente longas, que fogem da questão original - e essa era justamente a intenção da entrevista, pois deveria permitir que os entrevistados estabelecessem suas próprias conexões, levantando assuntos que eles mesmos escolhessem, implícita ou explicitamente. Assim, em vez de o pesquisador formular um questionário com as supostas conexões que os entrevistados fariam, as sessões de entrevista conduzidas pela equipe do Frameworks encorajavam os próprios entrevistados a definir os seus conceitos mais corriqueiros e espontâneos, utilizando-se da sua própria experiência para tanto.

Portanto, ao estimular o entrevistado a discorrer longamente sobre um mesmo assunto e, depois, abordar esse mesmo assunto sob um ângulo ligeiramente diferente, a entrevista avança com um grau cada vez maior de detalhamento, em que os conceitos inicialmente amplos e vagos, e em geral implícitos, são pouco a pouco colocados em primeiro plano e gradualmente esmiuçados (exemplificando como seria isso na prática, os entrevistadores perguntariam primeiro: "o que você acha que aconteceria se o desenvolvimento infantil ocorresse de forma positiva?" e, em seguida, "e o que aconteceria se isso não ocorresse?").

Note-se, por fim, que as questões foram pensadas de modo a serem consistentes com os roteiros de entrevistas utilizados nos EUA e no Canadá, possibilitando a identificação de padrões similares ou específicos.

SOBRE O INSTITUTO FRAMEWORKS:

O Instituto FrameWorks é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1999 com o objetivo de desenvolver a pesquisa e a prática da comunicação baseadas no conhecimento científico. O Instituto elabora pesquisas originais com uma metodologia diversificada para identificar as estratégias de comunicação que visam estimular a compreensão do público sobre os problemas sociais e aumentar o apoio do público às políticas que buscam solucioná-los. O trabalho do Instituto também inclui a capacitação de profissionais do terceiro setor, orientando-os a implementar estratégias de comunicação baseadas em pesquisa científicas, ajudando-os em seus esforços na direção da mudança social. O Instituto publica as suas pesquisas e

recomendações, assim como ferramentas de comunicação e outros produtos para o terceiro setor, no site www.frameworksinstitute.org.

Todos os direitos reservados. É vetada a reprodução, por qualquer meio mecânico, eletrônico, xerográfico, etc., sem a permissão prévia por escrito do Instituto FrameWorks, de parte ou da totalidade do conteúdo deste impresso.

Por favor, utilizar as normas da ABNT para citações, com o Instituto FrameWorks como editora. Baran, M., Sauma, J., & Siqueira, P. (2014). *Lembrar, Espelhar e Experimentar: Distanciamentos e sobreposições entre público e especialistas brasileiros quanto ao Desenvolvimento na Primeira Infância*. Washington, DC: FrameWorks Institute.

© Instituto FrameWorks 2014

ⁱ *Core Story of Early Child Development*

ⁱⁱ Manuel, Tiffany. (2009). *Refining the Core Story of Early Childhood Development: The Effects of Science and Health Frames*. Washington, DC: FrameWorks Institute.

ⁱⁱⁱ *Serve and Return. Framing early child development: message brief (2009)* Washington, DC: The FrameWorks Institute.

^{iv} *Skill Ropes*. Erard, M (2013) *Weaving Skill Ropes: Using Metaphor to Enhance Understanding of Skills and Learning*. Washington DC: The FrameWorks Institute.

^v *Levelness*. Erard, M., Kendall-Taylor, N., Davey, L, & Simon, A. *The Power of Levelness: Making Child Mental Health Visible and Concrete Through a Simplifying Model*. (2010). Washington DC: The FrameWorks Institute.

^{vi} *Brain Architecture. Framing early child development: message brief (2009)* Washington, DC: The FrameWorks Institute.

^{vii} *Resilience Scale*. Kendall-Taylor, N. *The Resilience Scale: Using Metaphor to Communicate a Developmental Perspective on Resilience*. (2010) Washington DC: The FrameWorks Institute.

^{viii} *Toxic Stress. Framing early child development: message brief (2009)* Washington, DC: The FrameWorks Institute.

^{ix} Tais conceitos foram retirados do artigo recentemente publicado pelo Instituto FrameWorks na *Science Communication*. Lindland, E., & Kendall-Taylor, N. (2012). Sensical translations: Three case studies in applied cognitive communication. *Annals of Anthropological Practice* 36, 45-67.

^x Goffman©, E. (1967). *Interaction ritual: Essays in face-to-face behavior*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.

^{xi} Quinn, N. (2005). *Finding culture in talk: A collection of methods* (p. 3). New York, NY: Palgrave Macmillan.

^{xii} Quinn, N. (2005). *Finding culture in talk: A collection of methods* (p. 3). New York, NY: Palgrave Macmillan.

^{xiii} Goffman, E. (1967). *Interaction ritual: Essays in face-to-face behavior*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.